

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
NÍVEL MESTRADO PROFISSIONAL**

JULIANA LIMA DOS SANTOS BRAGA

**VOLUNTARIADO EDUCATIVO:
uma experiência de ser com os demais**

Porto Alegre

2022

JULIANA LIMA DOS SANTOS BRAGA

**VOLUNTARIADO EDUCATIVO:
uma experiência de ser com os demais**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Daianny Madalena Costa

Porto Alegre

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

B813v Braga, Juliana Lima dos Santos
Voluntariado educativo : uma experiência de ser com os demais/ Juliana Lima dos Santos Braga. 2022.
111 f. ; 30 cm.

Orientadora: Daianny Madalena Costa.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Porto Alegre, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Voluntariado educativo. 2. Compassividade.
3. Comprometimento. I. Costa, Daianny Madalena, orientadora.
II. Título.

JULIANA LIMA DOS SANTOS BRAGA

**VOLUNTARIADO EDUCATIVO:
uma experiência de ser com os demais**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em 04 de novembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Daianny Madalena Costa – Unisinos

Profª Drª Marilene Maia – Unisinos

Profª Drª Maria Beatriz Pauperio Titton – Unilasalle

Dedico este trabalho aos meus pais, irmã
e marido que sempre me incentivaram a
não desistir da educação.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo aos professores que tive desde os primeiros passos até hoje na minha caminhada de estudos. Todos eles, sem exceção, foram essenciais para que eu chegasse até aqui. Em especial, agradeço aos grandes mestres que tive o prazer de conhecer e trocar ao longo dessa trajetória no Mestrado Profissional em Gestão Educacional da Unisinos. A eles a minha gratidão.

À minha orientadora Daianny Madalena Costa minha reverência de coração. Como cresci sob a sua tutela. Você foi uma grande mestra e amiga no caminho. Minha gratidão por todo tempo e saberes compartilhados com tanta generosidade e humildade. Meu carinho eterno.

Agradeço aos colegas que fiz ao longo desses anos no Mestrado que me fizeram perceber que a alegria de um é a alegria de todos e que não vale a pena se for para chegar ao fim da maratona sozinho. Ubuntu!

Agradeço ao Colégio Santo Inácio por nesses 12 anos em que me encontro nesta casa, ter tido a oportunidade de crescer tanto como pessoa e como profissional. Agradeço aos antigos e atuais colegas que me ensinam dia após dia que vale a pena acreditar na educação dos jovens que chegam até nós. Vale a pena fazê-los sair dos seus “mundinhos” e adentrar um “novo mundo”.

À Elizabeth Bastos, meu agradecimento e gratidão por toda generosidade em acolher minhas partilhas/inquietudes ao longo desse tempo. Obrigada.

Agradeço aos colegas da biblioteca central do CSI que tanto me incentivavam todas as vezes que eu chegava, após a minha jornada de trabalho, para adentrar a noite estudando. Obrigada por cada palavra e sorriso.

Agradeço também a equipe da Formação Cristã, em especial, na pessoa da Sthefane Oliveira, minha companheira direta de trabalho, que segurou “as pontas” para mim para que nada deixasse de acontecer por conta das minhas ausências em virtude dos estudos. Você cruzou esta linha primeiro que eu. Hoje eu avisto a chegada pelo teu exemplo. Obrigada.

Por fim, agradeço aos que cruzarão um dia esta linha nas suas vidas. Que saibam ser generosos e solícitos sempre com humildade e gentileza.

Viver e não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar, e cantar, e cantar
A beleza de ser um eterno aprendiz
Ah, meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser bem melhor
E será!
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

(GONZAGUINHA, [2022], *online*).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as contribuições do voluntariado educativo que se efetiva no Colégio Santo Inácio/RJ, que faz parte da Rede Jesuíta de Educação (RJE) do Brasil, para processos de formação integral e educação ao longo da vida, reconhecidas pelos estudantes que dele participaram e gestores pedagógicos, e como estas poderiam auxiliar a aprimorar a gestão do programa. Para tanto, o caminho percorrido se alicerçou em uma abordagem qualitativa, onde a coleta de dados foi realizada toda em modalidade online, devido ao contexto pandêmico de isolamento social (Covid-19) e foi composta de três etapas: questionário online para os estudantes, grupo focal online síncrono e questionário online para gestores do Colégio (enviados por e-mail). Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo na modalidade temática, o que permitiu que duas categorias finais fossem encontradas: a compassividade (que abre caminho para a solidariedade) e o comprometimento (para promoção da justiça). Para os estudantes e gestores, estes foram os aspectos e efeitos que se destacaram ao refletir sobre o voluntariado educativo nas perspectivas de formação integral e educação para toda a vida. Com a pesquisa realizada foi possível verificar a importância do voluntariado educativo para o processo de formação dos estudantes para a excelência humana almejada na educação inaciana, ilustrada pelos 4 C's: o ser consciente, competente, compassivo e comprometido. O voluntariado educativo demonstrou ter potencial para estimular os dois últimos, conforme experiências partilhadas tanto pelos estudantes quanto pelos gestores. Tais relatos ainda levaram a uma proposta interventiva que envolva ainda mais o voluntariado educativo no currículo da instituição, além de salientar a necessidade de alcançar os demais alunos que não participam. O título deste trabalho sintetiza aquilo que ao longo da pesquisa se destacou como uma das grandes oportunidades de formação contidas no voluntariado educativo: a experiência de ser com os demais.

Palavras-chave: voluntariado educativo; compassividade; comprometimento.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the possible contributions of educational volunteering that takes place at Colégio Santo Inácio/RJ, which is part of the Jesuit Education Network (RJE) in Brazil, for processes of integral formation and lifelong education, recognized by the students who participated in it and pedagogical managers, and how these could help to improve the management of the program. To this end, the path taken was based on a qualitative approach, where data collection was carried out entirely online, due to the pandemic context of social isolation (Covid-19) and was composed of three stages: online questionnaire for students, synchronous online focus group and online questionnaire for College managers (sent by email). The collected data were analyzed using the thematic content analysis technique, which allowed two final categories to be found: compassion (which opens the way for solidarity) and commitment (for the promotion of justice). For students and managers, these were the aspects and effects that stood out when reflecting on educational volunteering in the perspective of integral formation and education for life. Through the research carried out, it was possible to verify the importance of educational volunteering for the process of training students for the human excellence desired in Ignatian education, illustrated by the 4 C's: being conscious, competent, compassionate and committed. Educational volunteering has shown the potential to stimulate the latter two, according to experiences shared by both students and managers. Such reports also led to an intervention proposal that further involves educational volunteering in the institution's curriculum, in addition to emphasizing the need to reach other students who do not participate. The title of this work summarizes what throughout the research stood out as one of the great training opportunities contained in educational volunteering: the experience of being with others.

Keywords: educational volunteering; compassion; commitment.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descritor “voluntariado educativo” - CAPES (autor/título/tipo/programa de pós-graduação/área de conhecimento/local/ano)	33
Quadro 2 – Dos objetivos específicos, instrumentos e participantes	50
Quadro 3 – Das propostas de intervenção	79

LISTA DE SIGLAS

ACVM	Associação de Comunidades de Vida Mariana
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAC	Centro Educacional Padre Agostinho Castejón
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CSI	Colégio Santo Inácio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONG	organização não governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PEC	Projeto Educativo Comum
RJE	Rede Jesuíta de Educação
SJ	Societas Iesu (Companhia de Jesus)
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Unisinos	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 Trajetória e inquietações ao longo do caminho	13
1.2 Problema de pesquisa	15
1.3 Objetivos	16
1.3.1 Objetivo geral	16
1.3.2 Objetivos específicos.....	16
1.4 Justificativa e percurso da pesquisa.....	17
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO	21
2.1 O Colégio Santo Inácio – CSI	21
2.2 O voluntariado educativo no CSI	24
2.3 As instituições parceiras	26
3 ESTADO DA ARTE	30
3.1 Analisando os resultados.....	34
4 REFERENCIAL TEÓRICO.....	36
4.1 O voluntariado educativo	36
4.2 O voluntariado educativo e a formação integral	41
4.3 O voluntariado educativo e a educação ao longo da vida.....	45
5 METODOLOGIA	49
5.1 Aspectos éticos.....	51
5.2 Coleta e análise de dados.....	52
5.2.1 Questionário <i>online</i>	53
5.2.2 Grupo focal <i>online</i> síncrono.....	53
5.2.3 Análise documental	55
5.2.4 Análise de dados.....	56
6 DA COMPASSIVIDADE AO COMPROMETIMENTO: VOLUNTARIADO QUE FORMA HOMENS E MULHERES PARA OS OUTROS	60
6.1 A compassividade que abre caminho para a solidariedade.....	64
6.2 O comprometimento para promoção da justiça	67
6.3 Contribuições para a gestão do programa de voluntariado educativo	73
6.4 Proposta de intervenção.....	78
7 CONCLUSÕES	81
REFERÊNCIAS	85

APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA.....	92
APÊNDICE B – E-MAIL CONVITE PARA OS PAIS E RESPONSÁVEIS COM O TCLE PARA PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES EM PESQUISA.....	94
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA	95
APÊNDICE D – CONSENTIMENTO DE PAIS E RESPONSÁVEIS	97
APÊNDICE E – E-MAIL CONVITE PARA OS ESTUDANTES AUTORIZADOS A PARTICIPAR DA PESQUISA.....	98
APÊNDICE F – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA	99
APÊNDICE G – ASSENTIMENTO PARA MENORES PARTICIPAREM DA PESQUISA.....	101
APÊNDICE H – E-MAIL CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DOS GESTORES NA PESQUISA.....	102
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES	103
APÊNDICE J – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES	104
APÊNDICE K – QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES	105
QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES	105
APÊNDICE L – GRUPO FOCAL PARA ESTUDANTES	108
APÊNDICE M – QUESTIONÁRIO PARA GESTORES	109

1 INTRODUÇÃO

A proposta pedagógica dos colégios jesuítas está centrada na formação da pessoa toda e para a vida; trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir autonomamente na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO – RJE, 2021, p. 25).

O presente trabalho faz parte de um desejo antigo cultivado em mim de estudar e pesquisar o meu fazer profissional no Colégio Santo Inácio (CSI) do Rio de Janeiro, que tem como proposta pedagógica o que foi exposto na epígrafe. A seguir inicio contando um pouco da minha trajetória e as inquietações que foram me conduzindo pelo caminho do conhecimento e do crescimento profissional até chegar onde estou hoje.

1.1 Trajetória e inquietações ao longo do caminho

Formada em Serviço Social pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tive a oportunidade de viver quatro anos de grande aprendizado, mas, também, de muita luta e suor para acompanhar todo o novo que se revelava a mim.

Vinda de família católica, ao longo de toda a minha vida fui muito ligada as causas da fé. Esta ligação acabou me levando a um engajamento nas pastorais de juventude e sociais da igreja na qual participava, o que acabou por contribuir na minha forma de ver e atuar no mundo.

A minha opção pelo serviço social foi muito baseada nisso. Queria auxiliar as pessoas a enxergarem o seu potencial e a perceberem que podiam ir além das suas dificuldades. Naquela época, a educação não se apresentava para mim como uma via para que alcançasse este objetivo, mesmo assim tentei ingressar em pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, porém sem êxito.

Diante disso, como aluna egressa do sistema público de ensino, desejosa de iniciar um novo tempo na minha vida e na história da minha família (fui a primeira a ingressar em uma universidade), me lancei na oportunidade que estava diante de mim de cursar uma universidade pública federal.

Foram quatro anos de muito aprendizado, desconstrução e reconstrução. O que eu imaginava que era para “ajudar” os outros, foi descortinando-se diante de mim como um direito. Eu estava sendo “alvo” do meu próprio desejo e com isso uma nova pessoa foi sendo forjada no seio da universidade, porém com os mesmos valores e opções preferenciais: ajudar os que mais precisassem e promover a juventude.

Foi assim que ao longo de meu processo formativo, escolhi atuar com os jovens e, mais especificamente, com aqueles oriundos das favelas da cidade do Rio de Janeiro ou, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define, aglomerados subnormais¹. Como dado de contexto, acredito ser importante falar: primeiro, não utilizarei este termo, pois não consigo percebê-lo como algo positivo, que um morador utilizaria, por exemplo, sem se sentir inferiorizado, mas trago por ser uma definição oficial de um órgão estatal; e segundo: de acordo com o último Censo do IBGE (2010), de todas as cidades do Brasil, o Rio de Janeiro é a que possui maior população morando nos seus 763 aglomerados. Isso representa 22,03% da população total de moradores da cidade. De acordo com os mesmos dados, um em cada cinco moradores do Rio vive em favelas. Com isso, pode-se dizer que é muito difícil que alguém que more na cidade, não conheça alguém que more em uma favela (BELLO, 2017; GALDO, 2011).

Apesar de não ter sido moradora de uma, morei durante muitos anos em um bairro bastante empobrecido e foi o estágio curricular para faculdade que me fez abrir os olhos para realidade dos jovens moradores destes locais. Estagiei na Pastoral do Menor da Arquidiocese do Rio de Janeiro, onde a proposta era oportunizar através da educação e do trabalho novas perspectivas de futuro aos jovens. Só a partir dessa experiência, que fui me dando conta de que a minha “missão” era ser uma educadora social. Considero importante relatar tais informações a meu respeito, para que possa ajudar a entender meu lugar de fala, minha visão de mundo. Eu sou uma pessoa que acredita nas pessoas. Que acredita que elas podem ser melhores do que são.

Quando me formei pela Universidade, minha opção preferencial era trabalhar com os pobres. Não vislumbrava outra. Mas como a vida é feita de oportunidades... a primeira que apareceu foi para trabalhar como analista de projetos sociais para uma

¹ “Aglomerado Subnormal é uma forma de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia – públicos ou privados – para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas com restrição à ocupação” (IBGE, [2022], *online*).

organização não – governamental ligada a um hotel cinco estrelas do bairro do Leblon, na zona sul do Rio de Janeiro. Eles queriam fazer ação social, serem solidários, fazer voluntariado. E lá estava eu “ajudando” os que mais tinham, a “ajudar” os que menos tinham. Foram quase dois anos de muito aprendizado, desconstrução e reconstrução de novas bases.

Em 2010, uma nova oportunidade surgiu, diante de uma demissão voluntária, em vista de retornar aos “meus princípios”. Entrava na minha vida aquela que viria a ser a minha grande escola de vida: o CSI – Colégio Santo Inácio. Quando poderia imaginar trabalhar naquele Colégio que eu passava em frente, voltando da faculdade, e pensava: “colégio de rico”. Bem, eis-me aqui. Desde o referido ano, trabalho com iniciativas de ação social e voluntariado no CSI da RJE – Rede Jesuíta de Educação no Rio de Janeiro.

Partindo de minha trajetória de vida, chego ao problema de pesquisa que estudei e que apresento a seguir com seus objetivos geral e específicos.

1.2 Problema de pesquisa

Segundo Severo (2015, p. 565), as “práticas de educação social” em escolas, são um campo aberto a descobertas, uma vez que inserir práticas não-formais de educação em instituições escolares não é algo usual, mas faz parte de uma proposta de currículo e projeto político-pedagógico muito específicos, que comungam com a identidade da instituição e que tem por desejo a educação integral dos seus estudantes.

As escolas da RJE são pautadas pela seguinte missão: “Promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos” (RJE, 2021, p. 14).

Por princípios e valores, citados no mesmo documento: 1 – Amor e serviço; 2 – Justiça socioambiental; 3 – Discernimento; 4 – Cuidado com a pessoa; 5 – Formação integral; 6 – Colaboração e sustentabilidade e 7 – Criatividade e inovação. Sendo assim, a partir do que foi expresso acima, não consigo imaginar escolas da Companhia de Jesus que não oportunizem aos seus estudantes práticas de educação social, alinhados à missão e aos princípios aqui apresentados. Neste trabalho, tais

práticas foram vistas a partir de uma proposta específica que é realizada pelo CSI: o voluntariado educativo.

Diante deste contexto, tendo observado o desenvolvimento dos estudantes ao longo do seu processo de participação nas atividades voluntárias propostas pelo Colégio, surgiu o desejo de investigar mais a fundo o que de fato tal ação significava para eles e como os gestores (coordenadores de série e orientadores educacionais) visualizam isso no percurso de seus estudantes: Como os estudantes e os gestores do colégio percebem o voluntariado educativo? A partir dessas observações, em quais aspectos o voluntariado favorece a formação integral dos estudantes do CSI e, conseqüentemente, uma educação ao longo da vida? E como a gestão do programa pode ser aprimorada?

1.3 Objetivos

O presente trabalho, tendo como pano de fundo tudo o que foi exposto anteriormente, tem por objetivo geral e específicos:

1.3.1 Objetivo geral

Analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e educação ao longo de toda a vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa.

1.3.2 Objetivos específicos

Tendo por norte o objetivo geral apresentado acima, tenho como objetivos específicos dentro desse estudo:

- a) identificar o que estudantes e gestores reconhecem como significativo no desenvolvimento do voluntariado educativo;
- b) analisar os aspectos e os efeitos que estudantes e gestores identificam, na relação entre o voluntariado educativo e as perspectivas de formação integral e educação ao longo de toda a vida;

- c) descrever as contribuições percebidas por estudantes e gestores do voluntariado educativo, para um aprimoramento da gestão do programa;
- d) construir uma proposta de intervenção na gestão do voluntariado educativo, com ênfase na dimensão pedagógica, na perspectiva do cuidado/atenção do que se refere ao engajamento ético, político e social dos jovens, inerente ao voluntariado.

1.4 Justificativa e percurso da pesquisa

Desde a constituição da RJE, em 2014, diversos esforços foram e estão sendo feitos para que exista cada vez mais um trabalho integrado entre as diferentes unidades de ensino, “a partir de uma mesma identidade e do sentido de corpo apostólico, com mútua responsabilidade pelos desafios comuns” (RJE, 2016, p. 8).

Uma evidência deste movimento é o próprio documento citado: o Projeto Educativo Comum (PEC) da RJE, elaborado a muitas mãos, lançado em 2016 e com segunda edição em 2021, com objetivo de dar direcionamentos claros acerca da nossa atuação enquanto instituição de ensino com uma identidade e espiritualidade próprias.

Vislumbramos um processo educativo cujo paradigma supere a visão racionalista vigente e nos impulse na renovação dos currículos e dos modos de ensinar, assumindo de forma mais explícita que, na perspectiva da educação integral, aprende a pessoa toda, e não apenas a sua dimensão intelectual. (RJE, 2021, p. 34).

Esse olhar processual que o PEC traz sobre o fazer educativo ajuda muito a entender sob qual perspectiva de educação integral estamos falando. Guará (2006) apresenta algumas conceituações que a educação integral pode ter: como articulação de saberes a partir de projetos integradores, na perspectiva de tempo integral e a educação integral como formação integral. Penso que esta última seja a concepção de educação da qual a pedagogia inaciana acredita. Uma educação que coloque o estudante no centro do processo e que busque o desenvolvimento de cada um em todas as suas dimensões física, emocional, cultural, social e intelectual. “É a pessoa toda e não apenas a sua dimensão intelectual” (RJE, 2016, p. 34). Sendo assim, assumo este olhar sobre a formação integral, do qual discorrerei mais a fundo nos referenciais teóricos deste trabalho.

Nesse sentido, percebo que um segundo conceito que compõe este trabalho ganha ainda mais força se associado ao primeiro que é a educação ao longo de toda a vida. Esta expressão, que também pode ser encontrada como aprendizagem ao longo da vida (GADOTTI, 2016), “é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, mas também da sua capacidade de discernir e agir” (DELORS, 2012, p. 106).

Um educação verdadeiramente “bem-sucedida”, segundo Delors (2012, p. 105), desperta o interesse, o desejo de continuar a aprender. Talvez aí esteja um dos nós de um sistema educacional desigual e não democrático. Porém Gadotti (2016), nos apresenta uma lente que nos permite enxergar além dos muros, para além das formalidades do processo educacional, e é sobre esta visão que ancoro o meu entendimento deste conceito.

Uma das potencialidades do princípio da ‘aprendizagem ao longo da vida’ é que ele quebra uma visão estanque da educação, dividida por modalidades, ciclos, níveis etc. Ele articula a educação como um todo, independentemente da idade, independentemente de ser formal ou não-formal. Se a educação e a aprendizagem se estendem por toda a vida, desde o nascimento até a morte, significa que a educação e a aprendizagem não se dão somente na escola e nem no ensino formal. Elas se confundem com a própria vida, que vai muito além dos espaços formais de aprendizagem. Assim, podemos dizer que tanto a educação quanto a aprendizagem não podem ser controlados pelos sistemas formais de ensino. Este princípio nos obriga a termos uma visão mais holística da educação. (GADOTTI, 2016, p. 3).

E é a partir desta compreensão da educação, que apresento neste trabalho o voluntariado educativo como um terceiro elemento de ligação entre os dois primeiros. Esta tríade produz uma sinergia altamente favorável a uma formação humana e social, que posiciona o estudante em um lugar ativo e de protagonismo na comunidade.

Portanto, ‘o desafio político faz parte da essência do voluntariado’. Trata-se de um voluntariado que incorporou novos valores como a partilha, a participação, a corresponsabilidade, a democracia que operacionalmente se traduz no compromisso de conscientizar os pobres e marginalizados, em vista de seu ativo protagonismo social. (SBERGA, 2001, p. 138).

Um voluntariado que incorporou novos valores e que se traduz em compromisso de mudança na sociedade, unido a uma proposta de educação que tem por fim último a formação de “homens e mulheres para os outros, pessoas competentes, conscientizadas e sensibilizadas para o compromisso” (COMPANHIA DE JESUS, 2009, p. 92), só pode dar uma boa combinação.

O voluntariado educativo é uma via para formação integral e um abrir de portas para uma educação que se dê ao longo da vida. Uma oportunidade de construção da identidade do estudante, ao mesmo tempo que proporciona uma educação sociopolítica que permite um olhar diferenciado para a realidade e, conseqüentemente, uma intervenção com sentido. É a partir do olhar da Sberga (2001) que eu entendo o voluntariado educativo, aquele que se pretende realizar dentro de uma instituição de educação.

Sendo assim, avalio que tanto para o meu fazer profissional cotidiano, na coordenação dos projetos sociais e voluntariado, quanto para iluminar a atuação dos demais colegas da RJE, que atuam com frentes de voluntariado educativo em suas unidades, esta pesquisa será de grande valia, auxiliando no desenvolvimento de projetos mais assertivos no que tange a formação integral de nossos estudantes e o melhor proveito das ações desenvolvidas.

Será uma forma de, à luz dos documentos da Companhia que versam sobre a educação jesuítica e inspirados pelos teóricos contemporâneos que se debruçam sobre a temática, reformular nosso fazer em vista de melhor atendermos nossos jovens que anseiam por ações cheias de sentido.

Garantir a aprendizagem integral exige da escola, hoje, a compreensão de que o contexto mudou, os alunos aprendem de formas e em tempos distintos, em espaços que não se limitam ao escolar, exigem respostas individualizadas, diversos modos de fazer e de mediar a construção do saber, oportunizando vivências que atendam a diferentes necessidades. (RJE, 2021, p. 39).

Cada vez mais, observa-se que se faz necessário um investimento em um novo modelo de educação escolar, que seja pautado na transversalidade, que dê conta das transformações e mudanças pelas quais nossa sociedade vem passando. Imaginar que o “modelo” de ensinar – aprender baseado numa proposta conteudista dará conta dos tempos que temos vivido não é o caminho. A relação hoje é muito mais ensinar – aprender – compartilhar – aprender – observar – aprender. O aprendizado é constante e a escola, apesar de ser espaço de aprendizagem por excelência, não é o único favorável para tal.

Realizar a transposição do conteúdo que é apresentado no contexto escolar para a vida, certamente, contribuirá muito para a formação do sujeito em sua integralidade. O desenvolvimento de ações voluntárias junto a comunidades do

entorno, às instituições sociais, abrigos etc., favorecem muito este processo de aprendizagem.

O acompanhamento do jovem é algo muito caro para os jesuítas, tanto que esta é uma das quatro preferências apostólicas para o trabalho da Companhia de Jesus no mundo para os próximos 10 anos (2019 – 2029). “É uma oportunidade que a Companhia de Jesus deseja aproveitar para mostrar o caminho que leva a Deus, caminho que passa pela solidariedade com os seres humanos, para a construção de um mundo mais justo” (JESUÍTAS BRASIL, 2019, *online*).

Nesse sentido, entendo que o voluntariado educativo pode contribuir bastante. Principalmente porque este acompanhamento que se faz ao estudante em suas ações voluntárias não é de um atrás do outro, mas um ao lado do outro. Educador e educando. Caminhando, crescendo e aprendendo um com o outro.

A seguir, apresentarei o percurso que decidi trilhar neste trabalho. Logo no próximo capítulo, apresentarei o campo empírico da pesquisa, sua relação com o voluntariado educativo e as instituições que são parceiras nesse processo de contribuição para formação dos estudantes. No capítulo terceiro, discorrei sobre o estado da arte da pesquisa sobre voluntariado educativo, o que nos permitirá perceber quão necessitada a temática está de novas reflexões e, principalmente, de tecer relações com o ambiente escolar. No quarto capítulo, apresento a metodologia que envolve a pesquisa, seus aspectos éticos e os instrumentos que me utilizarei para coleta e análise dos dados. E no quinto, adentro de forma mais aprofundada nos referenciais teóricos que balizam as temáticas – chaves desta pesquisa: voluntariado educativo, formação integral e educação ao longo da vida.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO

Contextualizar o campo empírico da pesquisa é algo que precisa ser pensado em três partes que se comunicam: a instituição na qual atuo – Colégio Santo Inácio (CSI); o voluntariado educativo na perspectiva do CSI; e o campo das instituições parceiras nas quais nossos estudantes voluntários atuam. Ao longo das próximas páginas buscarei clarear cada uma destas partes para que assim os objetivos deste trabalho fiquem ainda mais evidenciados.

2.1 O Colégio Santo Inácio – CSI

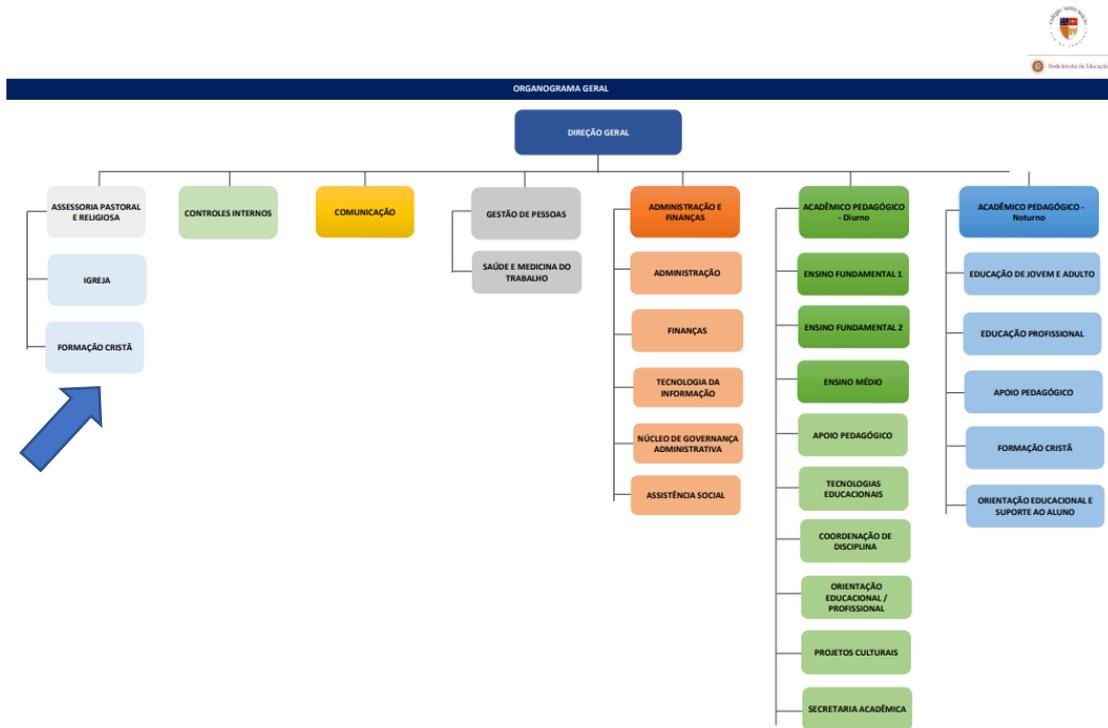
A finalidade da educação jesuíta nunca foi simplesmente a aquisição de um acervo de informações e de técnicas ou a preparação para uma carreira, embora estas sejam importantes em si mesmas e úteis para futuros líderes cristãos. O fim último da educação secundária da Companhia é antes o crescimento pleno da pessoa que leva à ação – uma ação que é animada pelo espírito e pela presença de Jesus Cristo, o Homem para os outros. (COMPANHIA DE JESUS, 1998, p. 82).

O CSI é uma instituição de ensino particular católica e de espiritualidade inaciana, fundado em 1903, pertencente a Companhia de Jesus e que hoje conta com quase 3 mil estudantes, divididos entre o ensino regular no período diurno (ensino fundamental I, II e médio) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno. Ele está situado no bairro de Botafogo na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e faz parte da RJE do Brasil, da qual outras dezesseis escolas distribuídas pelo país também integram (RJE, [2022a]).

O Colégio tem por missão: “Promover educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inacianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, criativos e comprometidos” (CSI, 2020, p. 9). Este é o fim último de todas as práticas pedagógicas desenvolvidas na instituição, que tem por visão: “Ser um centro inovador de aprendizagem integral, que educa para a cidadania global, com uma gestão colaborativa e sustentável” (CSI, 2020, p. 9).

O atual organograma da instituição e o setor no qual me encontro é apresentado da seguinte forma:

Figura 1 – Organograma Atualizado do CSI



Fonte: CSI (2022)².

Dentro do Setor de Formação Cristã, pode-se visualizar a seguinte organização, principalmente no que tange o voluntariado educativo e suas áreas de atuação/formação para nossos estudantes:

Figura 2 – Setor de Formação Cristã e Áreas do Voluntariado Educativo



Fonte: a autora.

² Organograma disponível na Intranet da Instituição.

Sendo o CSI uma instituição confessional de espiritualidade inaciana, que tem por pressupostos a formação de “agentes multiplicadores” e “homens e mulheres para os outros”³, ele traz consigo um modo de proceder muito próprio que é chamado de paradigma pedagógico inaciano, que poderia ser definido como um modelo de educação baseado na experiência, na reflexão e na ação, como um exercício constante de aprendizagem e crescimento ao longo da vida, muito inspirado pelos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus.

Trabalhar em uma instituição de ensino que tem por pressupostos os valores e intenções que citei acima, corroboram para o desenvolvimento do presente estudo, uma vez que, ao longo desses anos, tenho observado que o processo de aprendizagem não se dá exclusivamente em sala de aula. Conhecimento sem estímulos exteriores que provoquem o sujeito em seus valores e juízo será, certamente, um conhecimento esvaziado de sentido e, conseqüentemente, sem aplicabilidade para a vida, o que não levará os estudantes a fazerem as melhores escolhas em uma determinada situação que se apresente.

A educação jesuíta – em etapas progressivas que levam em conta os estágios do crescimento e sem nenhuma tentativa de manipulação – ajuda a formação de homens e mulheres dispostos a pôr em prática suas convicções e atitudes em suas próprias vidas. (COMPANHIA DE JESUS, 1998, p. 45).

Assim, minha experiência profissional revela que, de nada vale o sujeito possuir conhecimentos e capacidades, se não sabe usá-los de modo adequado, no momento oportuno e dentro de um determinado contexto. Talvez o desafio esteja em saber ser “competente, consciente, compassivo, criativo, comprometido”, ou melhor, “aprender a ser”.

A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa — espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade. Todo ser humano deve ser preparado, em especial pela educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos, bem como para formular os seus próprios juízos de valor, de modo que possa decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida. (DELORS, 2012, p. 81).

³ “As duas frases foram usadas repetidamente por Pe. Pedro Arrupe nos seus escritos e discursos. A primeira vez foi em um discurso no X Congresso Internacional de Antigos Alunos Europeus da Companhia realizado em Valença (Espanha), em 31 de julho de 1973. Este discurso foi publicado repetidas vezes sob o título ‘Homens para os outros’, p.ex., pelo Centro Internacional para Educação da Companhia, Roma.” (COMPANHIA DE JESUS, 1998, p. 15).

“Aprender a ser” leva tempo e, a partir de Delors (2012), posso dizer que se fará ao longo de toda a vida (sobre isso discorrei mais à frente no capítulo dos referenciais teóricos). É necessário ter uma paciência histórica, principalmente, no que diz respeito ao processo de maturação dos nossos estudantes. É preciso, para tanto, repensar os tempos e os espaços de educação, com vistas a valorizar a complementaridade e o voluntariado pode se tornar uma alternativa inovadora no estímulo para uma formação integral.

2.2 O Voluntariado educativo no CSI

A ideia de voluntariado educativo pode ser entendida a partir da definição apresentada por Mori e Vaz (2006) em sua obra *Voluntariado educativo – uma tecnologia social*:

[...] o voluntariado educativo é uma experiência formativa, de características próprias, com conteúdos e metodologias voltados para a formação pessoal e social do jovem. O voluntariado educativo está de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, na medida em que promove a compreensão da cidadania como participação social, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade e cooperação, respeito ao outro e a si próprio. (MORI; VAZ, 2006, p. 11).

Sendo assim, a perspectiva do voluntariado educativo é muito mais ampla do que a proposta que é oferecida em um voluntariado para adultos. O caráter educativo é intencional. Não tem a ver somente com satisfação pessoal ou desejo de ajudar o próximo, mas diz respeito a formação da pessoa em sua humanidade, em seus princípios, em sua percepção como cidadão, como sujeito de direitos e deveres, que atua, de alguma forma, na expectativa de mudança para si e para quem alcança com sua intervenção.

Nesse sentido, o voluntariado educativo tem se apresentado como uma boa alternativa para aquelas escolas que tem por pressuposto em seus projetos políticos pedagógicos a formação integral de seus estudantes e até mesmo para aquelas que veem no voluntariado uma oportunidade de negócio, possibilitando um novo olhar por parte dos pais e responsáveis para o projeto pedagógico proposto.

O voluntariado que o CSI se propõe a oferecer aos seus estudantes é baseado na espiritualidade que o alimenta, onde o autoconhecimento, o discernimento e a

promoção da justiça são elementos constitutivos do seu fazer cotidiano. A intenção é que a partir de uma experiência pessoal, o aluno entenda que doar-se para alguém ou alguma causa faz parte de uma pessoa integrada em todos os aspectos: social, espiritual, emocional etc.

Por isso que o voluntariado está alocado dentro da Formação Cristã do CSI, setor este responsável pelas assessorias das atividades de educação religiosa e vivência cristã de todos os segmentos da Comunidade educativa, de acordo com as orientações da Igreja Católica e da Companhia de Jesus (CSI, 2020).

A equipe que trabalha no voluntariado educativo conta com duas profissionais, uma assistente social e uma pedagoga, por acreditarmos que neste tipo de formação a visão de uma profissional do serviço social e a de uma profissional da educação podem favorecer uma interdisciplinaridade sadia para a formação dos nossos estudantes.

Como não operacionalizamos atividades para todos, porque trabalhamos com um número limitado de vagas a ser preenchido por semestre, nos esforçamos para incluir todos que desejam participar do processo. Para tanto utilizamos critérios de seleção baseados em participação nos anos anteriores e disponibilidade de adequação aos horários disponíveis.

Nos últimos anos, o voluntariado vem tendo muita procura por parte dos estudantes, principalmente, em função do relato das experiências vividas pelos demais que já participaram em anos anteriores. No ano de 2020, com o advento da pandemia do novo coronavírus, não conseguimos nem iniciar o nosso ano de atividades voluntárias, mesmo com mais de 270 inscritos para tal.

O voluntariado que é desenvolvido no CSI tem periodicidade semanal, onde o aluno e seus responsáveis assumem, por meio de Termo de Adesão assinado junto a Coordenação do Setor de Formação Cristã, a responsabilidade de comparecer na instituição para a qual deseja se candidatar uma vez por semana por, no mínimo, uma hora para desempenhar as funções que previamente escolhem e preparam ainda no Colégio.

As idas aos locais de realização das atividades voluntárias são sempre acompanhadas e monitoradas por um educador da equipe de ação social e voluntariado, que posteriormente dá seu parecer acerca do desenvolvimento desse aluno. Acredito que precisamos estimular de forma mais direta o protagonismo dos nossos estudantes principalmente no que diz respeito a autoavaliação que fazem

desse processo. Possibilitando espaço para críticas, sugestões e mudanças acerca de sua formação.

O voluntariado que nos propomos oferecer aos estudantes possui tais características de acompanhamento e formação porque, ao longo dos últimos anos, temos construído boas parcerias institucionais que não só entendem nossa forma de educar, mas que também desejam cooperar e aprender com ela. Na próxima seção, apresento aquelas que têm sido nossas parceiras nessa missão da educação integral.

2.3 As instituições parceiras

Atualmente temos ofertado aos nossos estudantes oportunidades de voluntário em organizações da sociedade civil sem fins lucrativos de diferentes vieses, que têm atendem: crianças, adolescentes e adultos. Em sua maioria, nasceram da iniciativa de pessoas desejosas de contribuir com as diferentes causas que cada instituição abraça. Atualmente todas elas são mantidas com pequenas participações de seus atendidos e doações de terceiros.

Tais instituições foram convidadas a serem nossas parceiras por encontrarem-se na região do Colégio, sendo parceiras no fortalecimento do desenvolvimento local, ou por trabalharem a partir da espiritualidade inaciana. Algumas foram sugestões dos estudantes, outra chegaram a partir de uma análise da equipe de ação social.

Podemos dividir as instituições parceiras em três frentes de atuação: educação, saúde e assistência social. As instituições que trabalham com educação são: Creche Casa Santa Marta, Centro Educacional Padre Agostinho Castejón (CEPAC) e Escola Dom Cipriano Chagas. Todas as três instituições estão situadas no bairro de Botafogo, na zona sul do Rio de Janeiro. As duas primeiras, atuam como creche e pré-escola, na Comunidade Santa Marta, no bairro de Botafogo. Ambas na parte baixa da comunidade e atendem majoritariamente às crianças desta localidade com jornada integral. A terceira atua com crianças do maternal ao 5º ano do ensino fundamental e acolhe crianças de Botafogo e outros bairros da zona sul da cidade. Em geral, filhos de mães que trabalham no bairro.

A Creche Casa Santa Marta é mantida pela Associação dos Antigos Alunos dos Padres Jesuítas e o CEPAC pela Associação Nóbrega de Assistência Social (ANEAS). Nestas instituições nossos voluntários são convidados a compartilhar suas habilidades e vivências pessoais e educativas, colocando-se à disposição para

contação de histórias, para o ensino de noções básicas de inglês e de formação em valores, por uma hora, uma vez por semana, para crianças a partir de 3 anos de idade. Todas as atividades que são implementadas nestas instituições, são elaboradas por uma pedagoga, que trabalha na equipe de ação social e voluntariado do CSI, para que possuam caráter formativo e sejam adequadas a cada faixa etária.

Os estudantes participam da preparação das atividades que irão desempenhar na instituição, em geral, no horário dos recreios em reuniões curtas de, no máximo, 30 minutos. Estas acontecem uma vez por semana ou de 15 em 15 dias, dependendo da instituição, da atividade voluntária que o aluno desenvolve e do andamento das atividades na instituição.

Na Escola Dom Cipriano Chagas, gerida pela Sociedade Providência, órgão ligado aos beneditinos, os voluntários atuam com reforço escolar no turno da tarde para as crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, pois a escola funciona em regime integral. Por duas horas, uma vez por semana, nossos estudantes voluntários vão ao encontro dessas crianças para esclarecer dúvidas e propor dinâmicas que auxiliem na apreensão dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos.

Para o melhor desenvolvimento desta atividade, recebemos da coordenadora pedagógica da Escola Dom Cipriano Chagas os nomes dos estudantes que precisam de um olhar mais atencioso nas questões escolares e comportamentais. Geralmente, esta reunião com a coordenação pedagógica acontece antes do início das atividades dos voluntários na instituição, como uma preparação para o trabalho. Apesar do motivo inicial ser o reforço escolar, a oportunidade também se apresenta como troca de experiências de vida e crescimento entre os pares.

Além destas três instituições citadas acima, a monitoria do curso noturno (EJA) do CSI também se apresenta como uma proposta voltada para educação. O CSI na sua modalidade noturna, foi fundado em 1968 e oferece EJA e educação profissionalizante totalmente gratuitos para mais 800 estudantes oriundos de todas as partes da cidade do Rio de Janeiro. Nossos voluntários, que são estudantes do ensino médio diurno, realizam voluntariado uma vez por semana, uma hora antes do horário regular de aulas do noturno. Eles são chamados de monitores pois realizam esta atividade em parceria com os professores da EJA. Eles não estão lá para dar aula, mas para auxiliar com dúvidas e esclarecimentos das matérias.

No seguimento da saúde, temos parceria com duas instituições, também situadas no bairro de Botafogo: Instituto Veras – Centro de Reabilitação Nossa

Senhora da Glória e o Pró Criança Cardíaca. De iniciativa privada com auxílio público, a primeira atende crianças e adolescentes portadores de problemas de ordem neurológica que necessitam de reabilitação. A atuação dos voluntários junto ao Instituto Veras se dá no auxílio as tarefas do dia a dia dos atendidos, no período da tarde, uma vez por semana, por duas horas. Dentre as funções demandadas, os voluntários auxiliam essas crianças e adolescentes no consumo do seu lanche da tarde, por exemplo.

Já o Pró Criança Cardíaca, é uma entidade sem fins lucrativos que vive basicamente da doação de pessoas físicas e jurídicas, para atender crianças e adolescentes que possuem cardiopatias diversas e não possuem condições econômicas de “banciar” um tratamento ou cirurgias necessárias para o seu restabelecimento. A atuação dos voluntários do CSI nesta instituição já passou por várias configurações, principalmente, por ser uma novidade para ela receber adolescentes-voluntários em sua rotina semanal, coisa que é mais frequente em seus eventos beneficentes. Nossos estudantes participam em regime de escala de 15 em 15 dias, uma vez por semana, por uma hora.

A procura para participar deste voluntariado, tem crescido nos últimos anos, mas o número de vagas disponibilizadas pela instituição, não tem como acompanhar este crescimento devido a questões de sua estrutura. Percebo que os voluntários que se candidatam para esta atividade, têm um interesse muitas vezes não declarado por medicina e desejam se aproximar da área para avaliar seu grau de afinidade com a profissão. Atualmente, estamos em quatro frentes dentro da instituição: acolhida às crianças e adolescentes que chegam para suas consultas de rotina; separação e distribuição de cestas básicas para as famílias; acompanhamento das consultas médicas de rotina através de uma escuta atenta aos quadros clínicos dos atendidos e auxílio na comunicação institucional.

Para finalizar, a terceira área na qual temos possibilitado atuação voluntária é a da assistência social. Nesta compreendemos uma única instituição: a Associação das Comunidades de Vida Mariana (ACVM).

A ACVM é uma comunidade católica de espiritualidade inaciana que, há quase cinquenta anos, tem por objetivo promover formação espiritual e desenvolver ações sociais em prol dos mais empobrecidos. Situada no bairro de São Cristóvão, na zona central do Rio de Janeiro, tem se mantido exclusivamente por meio de doações de pessoas físicas e jurídicas. Através do projeto “VIDA” (Voluntários Integrados

Defendendo Assistidos), além de diversas ações de promoção social, atendem todas as quartas-feiras a população de rua e do entorno que desejarem tomar um banho ou fazer uma refeição. Os voluntários do CSI atuam nesta frente, quinzenalmente, das 19h às 20h, servindo comida e acolhendo a população.

Tendo todas essas possibilidades de pesquisa no horizonte e levando em consideração que ao longo de 2020 o voluntariado não pode ser desempenhado, por motivos óbvios (pandemia do novo coronavírus), a pesquisa foi enriquecida pelos diversos olhares, memórias, sentimentos daqueles que foram voluntários no último ano que tivemos atividades voluntárias (2019). Antes de adentrar na metodologia para obter tais percepções, apresento o estado da arte do descritor voluntariado educativo, como forma de auxiliar a entendermos em que estado se encontra a temática no meio acadêmico.

3 ESTADO DA ARTE

Após idas e vindas em diferentes bancos de dados, periódicos e repositórios digitais, ao perceber a escassez de produções a respeito do tema, decidi realizar o estado da arte do conceito: voluntariado educativo. Este que se caracteriza por ser “uma ação solidária planejada de modo integrado ao currículo escolar, com o objetivo de melhorar a qualidade da aprendizagem ao mesmo tempo que melhora a qualidade de vida da comunidade onde a escola está inserida” (MORI; VAZ, 2006, p. 12).

Apesar de possuir possibilidade de comunicação com as práticas pedagógicas e curriculares, ainda percebo o voluntariado educativo bastante à margem das discussões no campo da educação. O Voluntariado na instituição é visto como uma atividade extracurricular legítima que visa estimular valores como solidariedade, compaixão, comprometimento, empatia, valores que são muito caros à educação da Companhia de Jesus, mas que ainda não encontrou espaço de integração junto ao currículo escolar.

O Setor de Formação Cristã é responsável pelas assessorias das atividades de educação religiosa e vivência cristã de todos os segmentos da Comunidade Educativa: alunos, educadores (professores e colaboradores dos setores pedagógico e administrativo) e famílias, de acordo com as orientações da Igreja Católica e da Companhia de Jesus. Responsabiliza-se ainda pela coordenação e formação social da Comunidade Educativa, oferecendo aos alunos e colaboradores oportunidades de experiências de voluntariado e solidariedade que traduzam, na prática, o projeto evangélico de uma sociedade mais justa e solidária. (CSI, 2020, p. 24).

Uma escolha metodológica feita, para esse processo de pesquisa do estado da arte do conceito de voluntariado educativo, foi recorrer a um único banco de teses e dissertações. Ao iniciar a pesquisa, uma sondagem inicial foi feita no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e esta resultou em um conteúdo muito similar entre as plataformas. Como a primeira plataforma (CAPES) apresentou quantidade maior de produções do que a segunda (IBICT), para não incorrer em repetições e conseqüente retrabalho, o primeiro banco foi escolhido.

Ao realizar um primeiro mapeamento dos estudos produzidos em nível de doutorado e mestrado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, com o descritor *voluntariado educativo*, entre aspas, verifiquei que somente cinco trabalhos

foram citados na busca. Diante da quantidade de produções, algumas questões surgiram: por que um número tão pequeno de produções? Este conceito é conhecido no meio acadêmico? Será que estes trabalhos são de uma mesma época, talvez influenciados por algo que tenha acontecido no período?

Levando em consideração esse panorama inicial, realizar o estado da arte deste descritor, identificando o que tinha aparecido, mas buscando também analisar o que foi apresentado, em vista de uma possível contribuição para a área da gestão educacional e, ao mesmo tempo, iluminar estudos vindouros, se tornou um dos propósitos desta seção.

Esses estudos são justificados por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes. (ROMANOWSKI; ENS, 2006, p. 41).

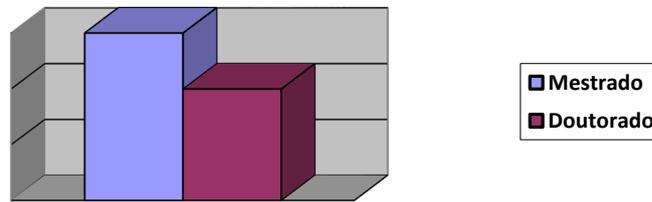
O caminho adotado para pesquisa foi o seguinte: escolha do descritor de referência do trabalho – voluntariado educativo; lançamento dele no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; estabelecimento de algumas categorias de busca iniciando pelo nível do curso (mestrado e doutorado), área de conhecimento, local e ano de produção.

Como dois dos trabalhos citados, eram anteriores a Plataforma Sucupira, fui obrigada a buscar mais informações sobre as produções nas bibliotecas depositárias das respectivas Universidades. Um dos trabalhos consegui obter através deste meio digital e o outro não. Até o momento, estou aguardando retorno para o e-mail que enviei para a autora do trabalho.

É importante salientar que foi estabelecido um recorte temporal para a pesquisa (2010 – 2019). Este espaço de tempo foi escolhido por ser justamente o período que tenho me dedicado a coordenação do voluntariado educativo no CSI onde atuo. Por isso o desejo de observar como tem sido explorada essa temática, nos últimos dez anos, no meio acadêmico.

A partir dos dados iniciais obtidos, um gráfico muito simples, no que diz respeito a quantidade de obras, pôde ser feito:

Gráfico 1 – Quantidade de produções referentes ao descritor "voluntariado educativo" na CAPES



Fonte: CAPES ([2020]).

Ao fazer uma breve pesquisa neste mesmo banco de dados, porém com as palavras, “voluntariado” e “educativo”, separadas e entre aspas, pude constatar de forma superficial, algumas novas informações que poderiam auxiliar em uma busca mais aprofundada sobre o tema.

Para a palavra “voluntariado” foram obtidos 225 resultados para o período pesquisado (CAPES, [2020]). Sendo que destes, apenas 30 resultados estavam alocados dentro da área de conhecimento: educação, ensino-aprendizagem ou planejamento educacional. Ao me debruçar sobre os títulos das obras, acabei por encontrar mais 2 trabalhos que podem me auxiliar nesta tarefa de falar sobre um conceito que, como tal, é pouco conhecido. Lopes (2013) – Construindo o projeto de sociabilidade neoliberal: o voluntariado como componente do processo educativo; e Lubisco (2012) – Parcerias entre voluntariado e escola na cena contemporânea.

Para a palavra “educativo”, também na mesma data de busca, foram obtidos 6242 resultados, sendo que aplicando 5 filtros na parte área de conhecimento (educação, ensino, ensino-aprendizagem, planejamento educacional e tecnologia educacional) cheguei a 3203 trabalhos. Devido a quantidade expressiva e grande variedade de temas, mesmo utilizando estes filtros, resolvi me deter ao fato de que a palavra é amplamente utilizada, mas não necessariamente com o fim que eu estou buscando. Tendo ampliado bastante as perspectivas acerca do tema, retorno ao descritor utilizado inicialmente para esta pesquisa: “voluntariado educativo”.

A partir destes resultados iniciais, chego a uma pré - conclusão: relações entre voluntariado e educação foram feitas ao longo dos anos, mas sem a conceituação “voluntariado educativo”, mesmo este sendo datado de meados do século XX e tendo feito parte de uma iniciativa crescente nas escolas da América Latina da década de 80 daquele século para cá, segundo Mori e Vaz (2006, p. 12). Dada a escassez de

resultados, pelo menos observa-se um certo equilíbrio na quantidade de produções (3 dissertações e 2 teses). A partir destes dados iniciais, apresento o quadro a seguir para iluminar um pouco mais o caminho de quem lê.

Quadro 1 – Descritor “voluntariado educativo” - CAPES (autor/título/tipo/programa de pós-graduação/área de conhecimento/local/ano)

Autor	Título	Tipo	Programa de Pós-graduação	Área de conhecimento	Local/Ano
Lavezzo, Elaine.	Comunicação e voluntariado educativo: a construção relacional da cidadania, da solidariedade e de capital social entre jovens	Dissertação	Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade	Ciências sociais aplicadas/ Comunicação	São Paulo, 2010 *
Silva, Jaqueline Barbosa da.	O voluntariado educativo: um estudo sobre o projeto selo escola solidária	Tese	Doutorado em educação	Ciências humanas/Educação	Recife, 2011 *
Mori, Katia Regina Goncalves.	A solidariedade como prática curricular educativa	Tese	Doutorado em educação e currículo	Ciências humanas/ Educação/ Currículo	São Paulo, 2013
Motta, Marcela Moura.	Multiculturalidade e voluntariado educativo: o que isso tem a ver?	Dissertação	Mestrado em Linguística aplicada e Estudos da Linguagem	Linguística aplicada e estudos da linguagem	São Paulo, 2014
Lage, Marisol Patrícia Saucedo Revollo.	Do assistencialismo à intervenção social: o voluntariado na construção de agências	Dissertação	Mestrado em Linguística aplicada e Estudos da Linguagem	Linguística aplicada e estudos da linguagem	São Paulo, 2019

*Trabalhos anteriores à Plataforma Sucupira

Fonte: CAPES ([2020]).

Dos cinco trabalhos resultantes da busca pelo descritor “voluntariado educativo” na base da CAPES, pude observar que a localidade que mais investiu nessa temática, notoriamente, foi a cidade de São Paulo, com quatro das cinco produções. Destes, dois são fruto do mesmo programa de pós-graduação com espaçamento de cinco anos entre eles. Vê-se também, por meio deste quadro que, as dissertações orbitam pelas ciências humanas, mais especificamente, pelas sociais aplicadas e linguística aplicada. É interessante observar que as duas teses, apesar de terem dois anos de diferença, falam sobre um mesmo programa chamado Selo

Escola Solidária, que estava entre as políticas do Governo Lula, e que vigorou até o ano de 2013. Tais informações me levam a crer que o conceito “voluntariado educativo” foi bastante impulsionado por este programa de governo, capitaneado na época pela Organização Não Governamental (ONG) Instituto Faça Parte (BRASIL, 2005), hoje não mais existente, do qual uma das autoras que cito neste quadro fazia parte como consultora. Apesar destas informações que trago, e que ajudam a elucidar o contexto, ainda ficam as questões iniciais: por que um número tão pequeno de produções? Este conceito é conhecido no meio acadêmico? Será que estes trabalhos são de uma mesma época, talvez influenciados por algo que tenha acontecido no período?

Em uma primeira hipótese, poderia dizer que, a baixa produção de trabalhos científicos nessa linha é fruto de um entendimento e absorção do conceito, sem necessariamente haver a utilização da expressão “voluntariado educativo”. Entende-se e sabe-se da importância do voluntariado na e para a educação, mas não há uma apropriação das palavras. Nesse sentido, só o fato de estar pesquisando, estudando e produzindo a partir dele, já seria de grande valia para disseminação desta proposta educativa.

3.1 Analisando os resultados

Dentre os cinco trabalhos encontrados, acredito que três poderiam contribuir substancialmente para a pesquisa: “O voluntariado educativo: um estudo sobre o projeto Selo Escola Solidária” tese de Jaqueline Barbosa da Silva (2011), “A solidariedade como prática curricular educativa” tese de Katia Regina Gonçalves Mori (2013) e “Do assistencialismo à intervenção social: o voluntariado na construção das agências” dissertação de Marisol Patricia Saucedo Revollo Lage (2019).

O primeiro trabalho capturou especialmente minha atenção por dois motivos: primeiro porque citava claramente, já no seu título, o descritor que estava buscando e segundo porque, no ano de 2011, o CSI recebeu o “Selo Escola Solidária”, do qual a autora cita em seu título, e que nos foi conferido pelo Instituto Faça Parte (ONG), não mais existente desde 2015. Como o referido trabalho não consta no Catálogo de teses e dissertações da CAPES, efetuei uma solicitação de cooperação junto a Biblioteca da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) para possível obtenção da tese, além de ter entrado em contato com a autora e ainda continuar no aguardo.

Apesar de não ter o descritor explicitamente citado em seu título, o trabalho de Mori (2013) o apresenta dentre suas palavras-chave. Pude perceber, em seu resumo, sumário e em uma breve passada pelos capítulos, várias possibilidades de contribuição ao trabalho que desejo desenvolver, principalmente, no que tange as práticas solidárias no ambiente escolar. Segundo Mori (2013, p. 8), a “tese visa contribuir para o debate acerca da qualidade da educação pensada pela perspectiva da solidariedade enquanto conhecimento e valor fundamental para a constituição de uma sociedade que se queira plural e justa.” Nesse sentido, creio que as contribuições que podem surgir desta pesquisa auxiliem bastante no meu caminho.

O terceiro trabalho (LAGE, 2019) também apresenta proximidade com o estudo que me proponho, mas o percebo em um segundo plano, perto da referência anteriormente citada (MORI, 2013). O objetivo que Lage (2019) propõe em sua investigação é analisar o processo de participação e aprendizagem de estudantes voluntários ao longo da construção de uma agência de discentes em contraturno escolar proposta por um curso de voluntariado educativo. Acredito que o trabalho da autora possa contribuir a partir de uma perspectiva mais atual do que o meio acadêmico está falando sobre participação e voluntariado, uma vez que sua defesa foi feita há dois anos.

Apesar do exercício de pesquisa nos possibilitar uma visão quase que caleidoscópica dos resultados, sinto que os trabalhos que obtive ao realizar a busca pelo descritor escolhido e a breve busca pelas palavras em separado no local escolhido, ajudam a evidenciar que a temática está necessitada de contribuições mais atuais.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, apresentarei o aprofundamento dos pressupostos teóricos já anunciados, buscando em autores elementos conceituais que sustentem as relações entre o voluntariado educativo, a formação integral que nos propomos ofertar como um Colégio da RJE e a aprendizagem ao longo da vida, entendida como uma forma de olhar as diferentes possibilidades de complementariedade existentes na vida dos estudantes.

4.1 O voluntariado educativo

Sobre este tema, não poderia fugir de uma exposição inicial do que seria o voluntariado. Certamente muitas definições fazem parte do senso comum, porém para fins de entendermos nesta pesquisa o que é o voluntariado educativo, preciso contextualizar um pouco o conceito de serviço voluntário em si e iniciarei através da Lei nº 9.608 (BRASIL, 1998) que dispõe sobre o serviço voluntário:

Considera-se serviço voluntário, para os fins desta lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa. Parágrafo único: O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim. (BRASIL, 1998, *online*).

Ao iniciarmos com a lei que regulamenta o serviço voluntário, estamos situando este termo em um período histórico muito importante para o seu crescimento em nosso país. Um período em que o apelo à participação da sociedade civil junto aos problemas sociais crescia, principalmente, em função da instauração do que Mota (1995, p. 100) chama de “cultura da crise” que tomou conta do país à época.

Segundo Bonfim (2010) esta estratégia da “cultura da crise” é gestada

[...] a partir da ideia de que o momento pelo qual passamos, de crise econômica, política, social e moral, afeta a todos os indivíduos igualmente (sem distinção de classe) e que deve ser enfrentado não através de mudanças estruturais, mas mediante uma solidariedade transclassista (ou seja, a solidariedade entre patrões e empregados, entre partidos de “esquerda” e de “direita”, entre pobres e ricos etc.). (BOMFIM, 2010, p. 99).

Partindo desse contexto apresentado por Mota (1995) e reiterado por Bonfim (2010), entende-se minimamente por que a preocupação do texto da Lei nº 9.608 (BRASIL, 1998) não foi definir o que de fato significa o termo “voluntariado”, mas sim regularizá-lo para que seus meios não prejudicassem seus fins.

Segundo Bonfim (2010, p. 101) é nessa conjuntura de crise que a “cultura do voluntariado” encontra terreno fértil para se desenvolver e consolidar. Ela ainda conclui que essa “cultura” na atualidade tem uma importante tarefa: a de proporcionar sensação de inclusão social.

Em tempos onde os processos sociais são naturalizados e as possibilidades de mudanças estruturais são ofuscadas pela ideia do fim da história, arriscaríamos dizer que esta seja a principal funcionalidade desta “cultura” nos dias atuais. Ela proporciona aos indivíduos, que por diversos motivos tiveram vínculos sociais desfeitos, a sensação de inserção social, possibilitando-lhes um liame societário. (BOMFIM, 2010, p. 101).

Levando em consideração que tais reflexões apresentadas por Bonfim (2010) são datadas de mais de dez anos atrás, poderíamos dizer, sem hesitar, que tais considerações nunca foram tão atuais. No contexto pandêmico em que nos encontramos, há mais de dois anos, ter a sensação de fazer parte de algo maior, em prol de outros que estão passando pela mesma situação, porém com muito menos recursos e acessos, é algo consolador e integrador.

Apesar de vivermos num mundo que prevalece o individualismo, o consumo, há um movimento para a ação voluntária na concretização da assistência com o sentido de que a cidadania seja efetivada. [...] Numa dimensão de ruptura do isolamento e da solidão, o voluntário fixa raízes, na fronteira entre a manutenção do estado de coisas naturalizado, manifesto em seu discurso evolucionista ou de transformação deste mundo. (FAGUNDES, 2006, p. 97).

Talvez aí se encontre o grande diferencial do voluntariado que é desenvolvido em unidades educacionais. Ele não tem a pretensão de sanar as mazelas sociais, mas, sim, despertar os jovens para que as vejam e uma vez vendo-as que não sejam capazes de ignorá-las. Dar a eles um ponto de vista a partir do contato com o diferente. A intenção é despertá-los para uma realidade excludente e difícil, mas que exige um posicionamento crítico, consciente, político de não compactuação com a desigualdade e a exclusão. Que argumente, questione e cobre ações e presença do Estado. Formar jovens que sejam homens e mulheres “conscientes, competentes, compassivos e

comprometidos” (KOLVENBACH, 1993). Prontos para desempenharem seu papel de cidadãos.

A partir de reflexões feitas ao longo do caminho, pude observar que o voluntariado é um substantivo que tem tudo a ver com isso. Ele dá nome a uma ação, que é concreta, mas que ao mesmo tempo exprime sentimentos abstratos. Poderia ser sinônimo de solidariedade e fraternidade, mas que no dicionário se limita a “qualidade ou condição de voluntário” (VOLUNTARIADO, [2022]). Mesmo sendo uma palavra com curta definição, além desta ser muito ligada a pessoa do voluntário e não a ação em si, ela expressa uma vasta gama de sentimentos de participação, cooperação, fraternidade, solidariedade.

“Ninguém pode ser solidário sozinho. A solidariedade é um fato social”. (PERRENOUD, 2005, p. 91). Não nascemos com ela, ela não é natural. Por isso para o autor a solidariedade é uma conquista contra o egoísmo e o individualismo. “A solidariedade é uma construção social e cultural, uma conquista frágil da civilização” (PERRENOUD, 2005, p. 91).

E é partindo desse sentimento de pertença do qual experimentam aqueles que realizam atividades voluntárias, que trago a definição mais consensualmente utilizada:

Voluntário é o jovem ou o adulto que, devido a seu interesse pessoal e espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social ou outros campos. (NAÇÕES UNIDAS, 2021, *online*).

Segundo o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), pode-se considerar jovem todo aquele que possui entre 15 e 29 anos. Sendo assim, posso considerar a faixa etária com a qual trabalho no CSI como adolescente – jovem (entre os 14 e 18 anos), tomando como referência também o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), que considera adolescente todos aquelas pessoas entre 12 e 18 anos.

Este detalhe se torna importante neste contexto em que a Organização das Nações Unidas (ONU) apresenta o que é ser voluntário, na medida em que o “jovem” é inserido e reconhecido como um sujeito de direitos e com responsabilidades, outorgando a ele um protagonismo e lugar muito valorizados na sociedade nos dias de hoje.

Um segundo detalhe muito importante nesta definição da ONU é o “espírito cívico”. Este é o mesmo que é evocado nos “objetivos cívicos” que são citados na Lei

nº 9.608 (que dispõe sobre o serviço voluntário) que, por sua vez, estabelece uma relação explícita entre ser voluntário e ser cidadão. Bonfim (2010, p. 102) apresenta essa relação como um dos fortes componentes de caráter psicologizante que a “cultura do voluntariado” tem de atrelar as práticas voluntárias ao exercício da cidadania.

O voluntariado tem contribuído de forma significativa para o caminho formativo dos jovens, e é isso que se pretende oferecer, de modo sistemático e organizado. O voluntariado abre o jovem para um novo modo de ver o mundo, é um jeito de viver a solidariedade que não compactua com a violência e com a exclusão. (SBERGA, 2001, p. 14).

O voluntariado é uma oportunidade de oferecer aos estudantes experiências comunitárias e sociais que o ajudem a compreender o mundo social e a sua complexidade. E a solidariedade é um valor que, por sua vez, possui “práticas que traduzem esse valor em atos concretos: partilhar, ajudar, acompanhar, apoiar, aceitar, integrar, proteger, cuidar, preocupar-se, etc.” (PERRENOUD, 2005, p. 92).

Um terceiro, e último, aspecto que gostaria de destacar neste voluntário, adolescente-jovem, cheio de dinamismo e vontade, que oferece seu tempo, muitas vezes escasso, mas que mesmo assim decide compartilhar o que sabe e aprender com os outros: ele pode realizar esta ação de diversas formas, “organizadas ou não”. O campo da transformação social, assim como o da inovação, é um campo fértil. Com isso não se deseja aqui limitar, restringir, mas sim libertar, dar asas. O fato de não ter algo organizado ou uma organização social que o respalde, não deve limitar a capacidade inventiva e transformadora existente em cada voluntário.

É nesse contexto que surge uma nova modalidade de voluntariado que tem a capacidade de potencializar a formação desses jovens pelo seu caráter sistemático e organizado, o voluntariado educativo:

É um voluntariado de ação e reflexão, um espaço de educação sociopolítica, que ajuda no desenvolvimento do senso crítico, na conscientização sobre os direitos humanos e sociais, no respeito às diferenças culturais e no testemunho e vivência da solidariedade. A preocupação central não é tanto o serviço a ser prestado, mas a formação e a qualificação do jovem enquanto desempenha sua atividade de voluntário. (SBERGA, [2002], p. 9).

De que forma o voluntariado educativo contribui para a formação integral desses sujeitos? Assim como a autora afirma que ele “abre o jovem para um novo modo de ver o mundo” (SBERGA, 2001, p. 14)., como isso se expressa? O que estes

jovens estudantes reconhecem como significativo em uma perspectiva de aprendizagem para vida? Estas são algumas das questões que esta pesquisa pretende levantar.

Sabemos que a dinâmica de uma instituição de ensino é regida por diversas legislações em âmbito federal, estadual e municipal e que, atualmente, estamos em meio às adaptações necessárias para o currículo escolar com vistas a atender a nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), em especial, para o ensino médio que foi homologada no final de 2018.

Tomando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDB (BRASIL, 1996), logo em seu artigo primeiro, vemos a menção aos processos formativos que se dão na esfera da “convivência humana” e a necessidade da vinculação da educação escolar ao “mundo do trabalho e à prática social.” Lendo isso, não consigo deixar de pensar nos “Quatro pilares da educação” que Delors (2012, p. 73) apresenta em “Educação: um tesouro a descobrir”: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

É fato que olhando para a sociedade em que vivemos hoje, todos os dias somos assolados por notícias que nos levam a crer que falta empatia, solidariedade humana, compaixão, consciência coletiva etc. É premente que pensemos uma educação que promova tais aprendizagens. Muitas são as vias, mas a que defendo aqui é a do voluntariado educativo. “O voluntariado educativo busca promover a aprendizagem de valores como solidariedade e cidadania por meio de práticas socioeducativas vinculadas ao projeto político-pedagógico da escola” (MORI; VAZ, 2006, p. 7).

No Projeto Político Pedagógico do CSI (2020) encontramos uma definição do modelo de educação no qual a instituição se pauta:

A Educação ministrada no Colégio Santo Inácio visa à formação integral dos alunos para inserção na sociedade global, através da vivência comunitária, em um ambiente de ensino e aprendizagem de inspiração inaciana, à luz da Fé Cristã e dos valores do Evangelho. (Csi, 2020, p. 10).

A pedagogia inaciana é pautada na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola (JESUÍTAS BRASIL, [2021]) e permeia todas as ações que são desenvolvidas na instituição. Esta ambiência favorece a vivência comunitária no que diz respeito à cooperação e solidariedade. Segundo o Projeto Pedagógico do CSI (2020) são características da Pedagogia Inaciana: o respeito às diferenças, a compreensão dos

demais nas estruturas sociais do mundo contemporâneo, a mudança radical no modo de pensar e agir em relação à vida, a buscar pela excelência em seu sentido mais amplo e humano.

Nesse sentido, por acreditar na proposta transformadora que o voluntariado educativo possui na vida do jovem voluntário, sendo este fomentado e “abraçado” pela instituição, ousaria dizer que suas práticas socioeducativas, alinhadas com o Projeto Político Pedagógico da escola, tem grande potencial para ajudar ainda mais o Colégio a caminhar na direção de suas características fundantes, além de contribuir para formação integral de seus estudantes e é sobre isso que dissertarei na próxima seção.

4.2 O voluntariado educativo e a formação integral

Hoje em dia, ouvimos falar bastante da expressão formação integral no meio educacional. Parece-me que ela ganha este espaço e visibilidade por conta de suas propostas. Uma formação que dê conta de alcançar o sujeito em todas as suas dimensões cognitiva, afetiva, ética, social, lúdica etc. Como possui caráter de lei, está na Constituição e LDB, diversas instituições de ensino têm se lançando nesta concepção de educação.

Ao remontar brevemente o histórico da educação integral, encontraremos, segundo estudos de Jaqueline Moll (2008, p. 13), o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, com a apresentação de uma “escola moderna” que seja capaz de articular todos os interessados no bem da educação pública, gratuita, laica e obrigatória e o educador Anísio Teixeira, um dos precursores desse pensamento, que ligou a educação integral à necessidade da educação de tempo integral.

Ainda segundo Moll (2008, p. 12) “educação integral pressupõe escola pública”. Quando se pensa em educação integral logo vem à mente a escola pública, universal e de qualidade para todos e todas. Que dê conta de formar todos aqueles e aquelas que chegam até suas unidades educacionais em sua integralidade. Mas ousar dizer que a integralidade que se busca, não é tarefa fácil.

O “pleno desenvolvimento do educando” é uma das finalidades da educação, segundo a LDB (BRASIL, 1996, art. 2º), e sem a pretensão de adentrar nesse debate, problematizo a afirmação da autora, de que “educação integral pressupõe escola pública”, à luz do que a própria apresenta como solução para a “cegueira que induz à

percepção de incapacidades e impossibilidades no lugar de possibilidades e oportunidades” (MOLL, 2008, p. 12-13) que é a

[...] reinvenção da prática educativa escolar no sentido de seu desenclausuramento, de seu reencontro com a vida, do desenrijecimento de seus tempos, da interlocução entre os campos do conhecimento em função da compreensão e da inserção qualificada no mundo. (MOLL, 2008, p. 12-13).

A escola precisa estar atenta e aberta para reinventar-se, para acolher a comunidade com seus diversos atores sociais, com suas crenças e valores, certamente caminha na direção de uma formação integral.

Às vezes, tudo o que precisamos enquanto instituição de ensino para responder a demanda da formação integral está contida na palavra “abertura”. Nesse sentido, percebo o CSI no caminho, mas com um longo trecho ainda por percorrer. Para além da busca pela excelência acadêmica, percebo um olhar que nos permite compreender e desejar, a partir dos valores e princípios que pregamos, a excelência humana.

Ser uma instituição de ensino que tem por finalidade última a formação integral dos seus educandos (RJE, 2016), não é tarefa simples. Exige diversas estratégias, articulações, reflexões, estudos etc. Mesmo com todo esse movimento necessário para uma instituição de ensino, acredito que ainda nos falte a ousadia de nos “desenclausurarmos”, ou seja, de fazermos o exercício de sairmos mais de nossas realidades cotidianas e ver como os demais estão realizando sua tarefa educativa, sejam as escolas da própria RJE ou a escola pública mais próxima. Principalmente, tomando consciência de que não somos parte exclusiva importante neste processo, mas somos imprescindíveis para a construção de uma formação integral.

Segundo o PEC (RJE, 2016, p. 15), “a formação integral proposta pela RJE, presente do Nordeste ao Sul do País, torna-se mais rica, na medida em que se dispõe a colocar em comum diferentes conhecimentos e práticas de aprendizagem.” Acredito que este “sair para fora” também precise se dar dentro da própria RJE. Os Colégios do Brasil precisam se comunicar mais no sentido de partilhar experiências exitosas ou não de formação de seus estudantes. Observo que diversos espaços têm sido criados nesse intuito, inclusive em nível global. Fazemos parte de uma grande comunidade mundialmente interligada (EDUCATE MAGIS, [2021]), que certamente realiza diversas iniciativas que poderiam iluminar o caminho em direção à formação dos nossos estudantes.

Nesse sentido, tenho a impressão de que as escolas públicas correm um risco muito menor do que as privadas de caírem no enclausuramento, até mesmo pela necessidade de estarem sempre de “portas abertas” para acolher oportunidades que apareçam de fortalecimento institucional e formação para seus estudantes. A escola pública vive a descontinuidade política, da macro à micro instância institucional, padecendo desde a falta de professores às inadequadas e frágeis condições físicas e materiais muitas vezes presentes na sua realidade.

Nesta direção, a relação de integração e complementariedade que precisa existir entre a comunidade e a escola, segundo Tilton (2008), além de explicitada no Projeto Pedagógico da instituição, precisa deixar claro

[...] que o direito de aprender está relacionado a outros domínios e não apenas aos da escola, contribuindo para superar a fragmentação das experiências educativas, a partir de uma visão de totalidade dos conhecimentos e dos saberes, que amplia o leque de possibilidades de aprendizagem e o universo de ambientes educativos. (TITTON, 2008, p. 33).

Sempre ouvimos e repetimos no dia a dia da instituição que somos uma comunidade educativa, pensando em todos os professores, alunos, funcionários e famílias. Todos fazendo parte desta comunidade educadora e aprendente. Mas, como afirma Tilton (2008), este direito não está relacionado apenas ao domínio da escola. O contexto do “para além dos muros”, da comunidade mais ampla, da cidade em si, como aquela que também oferece contribuições de aprendizagem, ainda não é algo tão fácil de absorver, mas Antunes e Padilha (2010) dão bons exemplos que podem favorecer o processo de formação humana:

Esta não é uma tarefa exclusiva dos trabalhadores em educação. É desafio de vários sujeitos. A amorosidade de um pai para com seu filho; a atenção do vendedor de pipoca na porta da escola, ouvindo o pedido da criança, orientando-a sobre o troco; a explicação do inspetor de alunos sobre a necessidade do silêncio e da disciplina, usando argumentos convincentes e conscientizadores junto aos estudantes em vez de ameaças e punições; a merendeira que mostra aos alunos de onde vêm os alimentos, o tempo que leva para preparar as refeições e como as faz; a funcionária da secretaria da escola que sorri e atende de forma gentil a um pedido de uma mãe que precisa do histórico escolar da sua filha; a coerência entre as palavras e as ações dos adultos diante das crianças... pequenos e significativos gestos, olhares, palavras, atitudes que vão criando uma atmosfera de cuidado, de respeito, de afeto, de convívio ético e solidário. (ANTUNES; PADILHA, 2010, p. 24).

Os estudantes quando saem pelos portões da instituição em direção às suas atividades voluntárias, não estão recebendo conteúdo específico das disciplinas curriculares, mas estão levando tudo que já adquiriram para prática e, mais ainda, para vida, o que favorece um diálogo entre saberes na perspectiva das trocas que acontecem.

Claro que o voluntariado educativo não será responsável por dar conta de responder a todas as dimensões da formação integral, mas ele faz parte desta rede e em articulação com ela, pode contribuir bastante para atingir este fim.

É nesta perspectiva que, segundo Tilton (2008, p. 33), se faz necessário “superar o caráter acessório ou alternativo que quaisquer atividades educativas desenvolvidas fora do turno regular ou fora da escola têm merecido”. E ainda deixa claro que esta superação só tem como acontecer “a partir de uma mudança significativa nas relações entre os diferentes atores e nas dinâmicas das ações individuais e coletivas” (TITTON, 2008, p. 33).

Justamente pelo voluntariado educativo ser uma atividade extracurricular o risco de ser visto como um acessório é grande. Quantas vezes, já tive que ouvir de educadores do Colégio a seguinte frase ao passar com o grupo de voluntários: “Já estão indo passear?” Sair para uma atividade voluntária que tem um caráter formativo em diversos aspectos, aos olhos de muitos, é passear. Quanto aprendizado existe por trás desse “passeio”. Para além das ironias, muito desse tipo de colocação só acontece porque a devida correção não é feita. Não possibilitando que o caráter formativo do voluntariado ganhe centralidade e importância no contexto integral da formação do estudante.

A mudança necessária, segundo Guará (2006), passa por

[...] uma renovação nas atitudes, para socializar o poder, negociar, reconhecer e valorizar outros saberes, outros espaços e aceitar a incompletude, supõe mudanças que nem sempre são fáceis, porém produzirão resultados mais duradouros para os sujeitos envolvidos. (GUARÁ, 2006, p. 19).

A problematização que venho trazer tem mais a ver com um novo olhar para a perspectiva da formação integral que nos propomos oferecer como instituição, visto a partir do viés do voluntariado educativo, do que a de levantar questionamentos a respeito de como a gestão tem sido feita ou atuado nessa direção. Acredito que essa mudança que Tilton (2008) e Guará (2006) apontam, fazem parte de um novo

entendimento da educação (de difícil construção, mas necessária e possível) para que possamos todos nos apropriar. Mas mesmo assim, acredito que caiba a gestão do Colégio e do programa de voluntariado realizar mudanças que permitam a inserção de novos espaços e atores sociais na dinâmica da ação voluntária oportunizada aos estudantes, de maneira que estes comessem a perceber um movimento de transformação e sua importância no processo formativo.

Portanto, o patamar a partir do qual se organiza uma escola que pensa e propõe Educação Integral precisa considerar os saberes, as histórias, as trajetórias, as memórias, as sensibilidades dos grupos e dos sujeitos com os quais trabalha, tecendo as universalidades expressas nos campos clássicos de conhecimento. (MOLL, 2008, p. 15).

Se não estivermos atentos a essa costura, podemos perder importantes ligações que poderiam impulsionar a compreensão dos nossos estudantes a respeito da intencionalidade do nosso fazer educativo. Se eles não forem capazes de perceber que a tão falada formação integral está se dando também nos diversos espaços da vida dele e que se dará ao longo de toda a sua vida, que a escola é parte integrante e muito importante nesse processo, mas não exclusiva, receio que ainda estejamos longe de fazer formação integral.

4.3 O voluntariado educativo e a educação ao longo da vida

Ao ler algumas reflexões de Jaqueline Moll (2008) a respeito da educação integral e da necessidade de consideração dos diferentes tempos e espaços nesse processo, não pude deixar de perceber a conexão que existe entre educação integral e a educação ao longo da vida.

Trata-se de reaproximar os tempos da vida dos tempos da escola, entendendo-os em seu continuum. Trata-se de avançar na qualificação do espaço escolar como espaço de vida, como espaço de conhecimentos e valores, como espaço no qual a vida transita em sua complexidade e inteireza, como espaço no qual cada alun@ possa conhecer as artes, as ciências, as matemáticas, a literatura para que possa, também, ressituar-se na cidade, compreendendo-a, compreendendo-se e incorporando-se a ela. (MOLL, 2008, p. 15).

Essa reaproximação, da qual fala Moll, pode parecer estranha em um primeiro momento. Até porque todos nós trazemos marcas da época de escola. Fomos

moldados pelas nossas vivências, experiências, sentimentos, razão etc. A escola é este espaço em que a “vida transita em sua complexidade e inteireza [...]” (MOLL, 2008, p. 15). Mas se a autora traz essa necessidade à tona, é porque o óbvio precisa ser dito. Provavelmente porque, enquanto educadores, talvez estejamos fazendo o contrário.

Não me proponho aqui a fazer uma reflexão aprofundada a respeito, mas acredito que estamos preenchendo demais os tempos “vagos” dos nossos jovens. Moacir Gadotti (2009) diz que duas dimensões inseparáveis fazem parte de experiências de educação integral: a quantitativa (quando reforça a necessidade de mais tempo na escola e no entorno) e a qualitativa (quando pensa na formação integral do ser humano). Quando tenho a oportunidade de ouvir o relato de um adolescente a respeito da sua agenda semanal, eu penso: “Nossa! Essa agenda está pior que a minha!”. Que qualidade estamos dando à nossa educação enquanto educadores, pais, sociedade? Mas esta é uma outra discussão que não vou me deter neste trabalho.

A sociedade do conhecimento é uma sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem. [...] A educação ao longo de toda a vida implica ensinar a pensar, saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o seu próprio trabalho, ter disciplina para o trabalho, ser independente e autônomo, saber articular o conhecimento com a prática, ser aprendiz autônomo e a distância... enfim, adquirir os instrumentos necessários para continuar aprendendo sempre. (GADOTTI, 2009, p. 32).

Vivemos em uma sociedade irremediavelmente marcada pela informação, pelo conhecimento, pelo consumo. É fato que tudo isso influencia na forma como vamos entender e nos portar no mundo. Para uns, estar em constante aprendizado pode ser visto como algo benéfico para a formação do ser humano como um ser integrado com suas diversas dimensões humanas e para outros uma estratégia de manutenção e aprimoramento constante de mão de obra com objetivos meramente mercantis. Certamente encontraria justificativas plausíveis para os dois argumentos, mas acredito bem mais no primeiro.

Para Gadotti (2009, p. 21), “o ser humano é um ser de múltiplas dimensões que se desenvolvem ao longo de toda a vida.” Seria muito limitante pensar que somente ao longo dos anos escolares teríamos adquirido toda a bagagem cognitiva, afetiva, social, ética etc. que possuímos hoje. Se fosse assim, o que seria daqueles

que nunca nem passaram pelos bancos escolares? Somos produto de muitas contribuições e a escola é uma delas.

Educadores europeus como o suíço Édouard Claparède (1873-1940), mestre de Jean Piaget (1896-1980), e o francês Célestin Freinet (1896-1966) defendiam a necessidade de uma educação integral ao longo de toda a vida, segundo Gadotti (2009), além de Anísio Teixeira e Paulo Freire aqui no Brasil.

Que sentido teria de defendermos uma educação integral, se não legitimarmos que ela se dá ao longo de toda a vida? Não é sobre ter uma justificativa para as limitações que a instituição escola possui, mas para que nós educadores possamos saber o nosso papel neste processo.

Precisamos, na escola e na comunidade, de relações pedagógicas democráticas, dialógicas, alicerçadas na 'com-vivência' e nas experiências da vida cotidiana dos alunos e de toda a municipalidade onde vivem. Essa educação valoriza a sociabilidade, a afetividade, o cuidado no processo de ensino e aprendizagem e, por isso, não se mantém indiferente a essas dimensões. (ANTUNES; PADILHA, 2010, p. 28).

O sonho é que não sejamos indiferentes a todas estas dimensões que fazem parte da vida do ser humano que “passa pelas nossas mãos”. Assim como acredito que os estudantes ao realizarem atividades voluntárias em instituições sociais, organizações não governamentais, em comunidades, tem a oportunidade de saírem de suas “bolhas” sociais, que muitas das vezes os impedem de serem atravessados por experiências de vida diferentes das suas, também acredito que nós enquanto educadores acompanhantes nesse processo também somos atravessados por estas vivências.

Isa Guará (2006, p. 23) ao se referir às experiências de aprendizagem em comunidades para crianças e famílias mais vulneráveis econômica e socialmente, utiliza uma expressão que espero encontrar ao final de minha pesquisa, a respeito daquilo que foi mais significativo nas relações educativas vividas: “é bem provável que as crianças se refiram a esses lugares como referências básicas em sua trajetória de vida”.

Neste trabalho, não tenho a pretensão de pesquisar sobre os espaços onde nossas atividades voluntárias são realizadas, mas de que forma eles se prestam a experiências significativas para formação integral e, conseqüentemente, para a educação que se dá ao longo da vida. Se os estudantes conseguirem entender tais

experiências como referências em suas trajetórias, creio que já será uma ganho para o trabalho desenvolvido.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento o caminho que trilhei, como forma de esclarecer ao leitor quais foram minhas opções metodológicas, os aspectos éticos envolvidos neste processo e os instrumentos de coleta de dados que me utilizei, levando em consideração a realidade limitada em que nos encontrávamos por conta da pandemia do Novo Coronavírus em outubro de 2021 (quando a pesquisa foi realizada), em que o CSI ainda estava funcionando em modelo híbrido, com muitos alunos somente no remoto.

Segundo Tozoni-Reis (2009, p. 10), “a pesquisa em educação, assim como a pesquisa em outras áreas das ciências humanas e sociais, é essencialmente qualitativa.” Como esclarece a autora, nem sempre os fenômenos humanos e sociais são quantificáveis, interessando “muito mais compreender e interpretar seus conteúdos que descrevê-los” (TOZONI-REIS. 2009, p. 10).

Como nem sempre estes fenômenos são quantificáveis, é preciso ler as entrelinhas. Compreender e interpretar aquilo que aparece nestes espaços de fala e escuta. Por isso que o caminho que percorri se alicerçou na abordagem qualitativa. Por acreditar que ela era a que melhor contribuiria para compreender os objetivos deste trabalho.

Nesta direção, Minayo (2002) traz uma boa compreensão acerca da pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21).

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho de analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e educação ao longo de toda a vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa, esta pesquisa teve como campo empírico o voluntariado educativo que se efetiva no CSI.

No Quadro 2 descrevo os objetivos específicos que este trabalho buscou alcançar, os instrumentos que me utilizei para a coleta de dados e os participantes da pesquisa.

Quadro 2 – Dos objetivos específicos, instrumentos e participantes

Objetivos específicos	Instrumentos para produção de dados	Participantes
a) Identificar o que estudantes e gestores reconhecem como significativo no desenvolvimento do voluntariado educativo;	- Questionário online com estudantes;	18 estudantes (sendo 8 do 2º ano do ensino médio e 10 do 3º ano do ensino médio)
	- Grupo focal online com estudantes;	7 estudantes (sendo 3 do 2º ano do ensino médio e 4 do 3º ano do ensino médio)
	- Questionário online com gestores;	4 gestores (sendo 3 coordenadores de série e 1 coordenadora pedagógica)
b) Analisar os aspectos e os efeitos que estudantes e gestores identificam, na relação entre o voluntariado educativo e as perspectivas de formação integral e aprendizagem ao longo da vida;	- Todos os citados acima;	- Todos os citados acima;
c) Descrever as contribuições percebidas por estudantes e gestores do voluntariado educativo, para um aprimoramento da gestão do programa;	- Todos conteúdo citado acima;	- Todos os citados acima;
d) Construir uma proposta de intervenção na gestão do voluntariado educativo, com ênfase na dimensão pedagógica, na perspectiva do cuidado/atenção do que se refere ao engajamento ético, político e social dos jovens, inerente ao voluntariado.	- Todo conteúdo citado acima; - Documentos institucionais: Regimento escolar, Projeto Pedagógico e Termo de Adesão ao Voluntariado educativo.	- Todos os citados acima;

Fonte: elaborado pela autora.

Por conta da pandemia da COVID-19, a realização desta pesquisa em modo presencial não se tornou possível. Sendo assim, ela precisou ser realizada toda em ambiente virtual. Sobre este aspecto falarei melhor na seção “Coleta e análise de dados”.

A coleta de dados foi dividida em 3 etapas: questionário online para os estudantes, grupo focal online síncrono e questionário online para gestores do Colégio (enviados por e-mail).

Havia um total de participantes possíveis para primeira etapa (questionário *online*), que eram 149 estudantes do curso regular/diurno do CSI que se encontravam (em 2021) na 2ª ou 3ª série do ensino médio e que tinham participado de alguma das atividades voluntárias realizadas no ano de 2019 (último ano de voluntariado antes do afastamento por conta da pandemia), quando ainda estavam no 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio.

Como a participação dos estudantes não poderia acontecer sem antes ter a autorização dos responsáveis para tal, enviei para o e-mail dos 149 responsáveis no dia 29 de setembro de 2021 (Apêndice B) o link do formulário criado para o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para pais e responsáveis para participação de adolescentes em pesquisa”. Tendo dado 8 dias para resposta, após esse período, recebi retorno de 22 autorizações.

Tendo recebido estas autorizações, fui atrás desse grupo. Conforme recebia as autorizações, enviava o e-mail-convite para a pesquisa (Apêndice E). Como houve certa demora para resposta, contactei estes estudantes por WhatsApp, uma vez que tinha os contatos deles por termos tido grupos nesta rede social para as atividades voluntárias. Destes obtive resposta positiva de 18, os quais responderam o questionário.

No próprio questionário, ao final do instrumento, 10 estudantes responderam favoravelmente para participar do grupo focal online. Nesta etapa, no dia 04 de novembro de 2021, tivemos 7 estudantes participando (sendo 3 do 2º ano do ensino médio e 4 do 3º ano do ensino médio) ativamente por 62 minutos através da plataforma do Google Meet.

A terceira e última etapa (questionário online) foi realizada com 4 gestores do ensino médio do CSI (Apêndice H) e enviada no 28 de dezembro de 2021.

Apresento na próxima seção os aspectos éticos que esta pesquisa considerou para ser realizada, além dos riscos, benefícios e cuidados que ela inspirou.

5.1 Aspectos éticos

O “espaço mais profundo das relações” (MINAYO, 2002, p. 21) que pretendia alcançar com o grupo para o qual destinei minha pesquisa, acredito que foi alcançado. Cada adolescente trouxe para a pesquisa o seu universo de significados, crenças,

valores e sonhos. E olhar para todo este universo com um olhar atencioso e grato foi o meu desejo.

Segundo a Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS):

Art. 9º São direitos dos participantes: I - ser informado sobre a pesquisa; II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; III - ter sua privacidade respeitada; IV – ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa, nos termos da Lei; e VII – o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa. (BRASIL, 2016, p. 6).

É importante salientar que, na tentativa de resguardar todos os direitos dos participantes, esta pesquisa levou em conta os aspectos essenciais que, segundo Goldim (2001 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 86), fazem parte de uma pesquisa eticamente responsável: “a adequada avaliação da relação risco-benefício, a obtenção do consentimento informado e a garantia da preservação da privacidade”.

Como minha pesquisa foi realizada com humanos, em observância às normas estabelecidas pela Resolução nº 510/2016 do CNS, este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos, através da Plataforma Brasil, para ajudar a garantir o cumprimento das suas determinações. O projeto foi aprovado no dia 17 de setembro de 2021.

5.2 Coleta e análise de dados

Como a perspectiva para o ensino em 2021, no CSI, ainda era pautada no modelo remoto/presencial, até meados do ano, não tínhamos uma definição de quando poderíamos retornar às atividades voluntárias. Certamente após tanto tempo de distanciamento sabíamos que os efeitos do isolamento seriam sentidos. Um dos desafios que já visualizava era o de ter que trabalhar com um grupo que já não se reconhecia como tal há mais de um ano e que não frequentava o campo de atuação por igual período.

O contexto que se apresentava impôs a necessidade de uma “nova” modalidade de coleta de dados: a modalidade online. Na verdade, o modelo não é novo, mas a forma como foi aplicado, sim.

Apresento a seguir os instrumentos que foram utilizados nesta pesquisa para coleta e análise dos dados:

5.2.1 Questionário online

Para a coleta de dados junto aos voluntários e gestores do CSI, utilizei o questionário como instrumento de coleta. Este instrumento foi elaborado em plataforma online (Google Forms) para preenchimento pessoal, garantindo o anonimato e confidencialidade do conteúdo enviado. O link para preenchimento foi enviado para o e-mail do participante, sendo ele aluno(a) ou gestor(a), com as instruções para preenchimento.

Sobre a técnica de utilização do questionário, Gerhardt e Silveira (2009) afirmam:

É um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante, sem a presença do pesquisador. Objetiva levantar opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas. A linguagem utilizada no questionário deve ser simples e direta, para que quem vá responder compreenda com clareza o que está sendo perguntado. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 69).

Este é um instrumento bastante utilizado que tem vantagens e desvantagens, segundo Gerhardt e Silveira (2009), mas que costuma favorecer o processo de análise dos dados, principalmente, se para sua aplicação for utilizado um dos diversos sites disponíveis, até mesmo em versões gratuitas, para preenchimento e armazenamento das respostas online. Alguns, como o Google Forms, fornecem até estatísticas a partir das respostas obtidas e que apresentarei no capítulo de análise.

5.2.2 Grupo focal online síncrono

A proposta dos grupos focais tem sido amplamente utilizada na perspectiva das pesquisas qualitativas por “[...] fazer emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos educacionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar” (GATTI, 2005, p. 9). Nesse sentido, quanto maior for a interação com os interlocutores, melhor.

Segundo Gondim (2002) essa modalidade qualitativa pode ser utilizada para reunir informações, explorar temas pouco conhecidos e até para promover autorreflexão e transformação social.

Pensando na melhor forma de interagir com esse grupo de estudantes e observando como vinha sendo desenvolvida a comunicação com os mesmos durante estes tempos de pandemia, não visualizei outra alternativa a não ser recorrer as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) (ALMEIDA, 2020).

Realizando uma breve busca dentre os autores notadamente conhecidos pelos seus estudos e trabalhos publicados na área de metodologia e pesquisa em educação, como Gil (2002), Minayo (2002), Gatti (2005), Tozoni-Reis (2009), pude observar que o conceito de *grupo focal online* não foi citado por nenhum deles.

Isso me leva a crer que, o que foi dito por Bordini e Sperb (2011) a respeito da quase inexistência de trabalhos (até 2009) com a utilização de computador e internet para a execução de grupos focais na pesquisa qualitativa em psicologia no Brasil, não é um fenômeno exclusivo desse campo mas, talvez, das ciências humanas e sociais como um todo.

Uma vez que as autoras não encontraram fundamentação em sua própria área, se viram obrigadas a adotar procedimentos utilizados por outras ciências, fazendo uso do que mais as ajudasse a alcançar os objetivos que pretendiam desenvolver. Assim sendo, minha pesquisa fez bastante uso desta técnica “desbravada” pelas autoras e apresentada em seu trabalho “O uso dos grupos focais on-line síncronos em pesquisa qualitativa” (BORDINI; SPERB, 2011).

Mas o que são estes grupos focais online síncronos que Bordini e Sperb (2011) relatam em seu trabalho? Eis uma boa definição: “Nos grupos focais on-line síncronos os participantes interagem em tempo real, ou seja, simultaneamente” (WALSTON & LISSITZ, 2000 *apud* BORDINI; SPERB, 2011, p. 438), em geral, em salas de bate papo ou em plataformas que permitam videoconferência, o que não significa que seja uma “mera transposição dos tradicionais grupos focais para o ambiente virtual” (BORDINI; SPERB, 2011, p. 438).

Um grupo focal precisa seguir alguns passos importantes para sua realização, porém no caso dos grupos online estes passos adquirem particularidades. Segundo Bordini e Sperb (2011), estes passos são: recrutamento, número de participantes, escolha do programa de comunicação a ser utilizado, construção do guia de entrevista, escolha do local de realização do grupo focal online, consentimento livre e

esclarecido, confidencialidade das informações fornecidas, execução do grupo focal online síncrono, transcrição dos dados e análise dos dados.

Tendo todos esses passos como norte, realizei um grupo focal online síncrono (com dia e horário previamente estabelecidos e comunicados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE); com os estudantes do curso diurno do CSI que foram voluntários no ano de 2019; com um número máximo de 7 participantes; com duração de 1h02. Participaram deste grupo todos os estudantes que assentiram participar da pesquisa.

Este grupo certamente foi uma bela oportunidade de se reencontrem e trazerem à tona as memórias de suas experiências como voluntários e sobre essas memórias discorrerei de forma mais ampla no capítulo de análise.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDÍA, 2002, p. 21).

O apelo neste espaço foi para que compartilhassem o que os tocou nesta atividade. O que experimentaram. O que sentem que aprenderam e foi significativo para formação deles. Bondía (2002) ainda complementa que ao nos passar nos forma e nos transforma. Nessa linha busquei contemplar um dos objetivos específicos deste trabalho que é o de “identificar o que estudantes e gestores reconhecem como significativo na aprendizagem desenvolvida junto ao voluntariado educativo”.

É importante sinalizar que, tanto para os questionários online com estudantes e gestores quanto para o grupo focal online, para que a privacidade dos participantes fosse resguardada, a transcrição das participações foi feita da seguinte forma: “Aluno (letra), idade e série” e “Gestor (letra) e tempo de trabalho na instituição”. As letras foram utilizadas aleatoriamente, não representando as iniciais dos nomes dos participantes.

5.2.3 Análise documental

Para a análise documental, me deparei com certas dificuldades no que diz respeito aos registros das atividades. O histórico das ações sociais e voluntárias desenvolvidas nos anos de 2010 a 2019, foi uma dificuldade. Apesar de ter muitos

registros desde 2010, o relato das atividades estava pulverizado no trabalho que eu desenvolvo e que minha parceira de trabalho realiza. Juntar tudo foi um desafio. Falta a gestão do voluntariado educativo uma melhor organização de suas evidências e avaliação de suas propostas.

O relato autobiográfico ou autoetnográfico pode figurar como um dos documentos mobilizados pelo pesquisador ou pesquisadora na elaboração da escrita acadêmica. No entanto, deve ser associado a outros não no intuito de atestar a veracidade do relato, mas de tensionar a sua verossimilhança. (VIDAL; SILVA, 2019, p. 43).

Avaliando o contexto no qual estamos inseridos, o relato autobiográfico foi uma alternativa utilizada na tentativa de resgatar ações para documentar neste projeto de pesquisa. Os documentos institucionais (Projeto Pedagógico e Regimento Escolar) foram visitados diversas vezes para garantir que aquilo que se espera destas propostas formativas estejam alinhadas com o que se faz e o que a instituição entende e deseja.

5.2.4 Análise de dados

Como escolha metodológica, na perspectiva da abordagem qualitativa, recorri a técnica de análise de conteúdo. Segundo Minayo (2002):

Atualmente podemos destacar duas funções na aplicação da técnica. Uma se refere a aplicação de hipóteses e/ou questões. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para as questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. (MINAYO, 2002, p. 74).

Apesar desta técnica ser mais amplamente utilizada em pesquisas documentais, ela também se aplica perfeitamente no caso de pesquisas de campo, “para analisar qualquer tipo de texto ou comunicação oral, visual ou gestual” (TOZONI-REIS, 2009, p. 45). Para a autora, “o principal objetivo da análise de conteúdo é desvendar os sentidos aparentes ou ocultos de um texto, um documento, um discurso ou qualquer outro tipo de comunicação” (TOZONI-REIS, 2009, p. 45).

Com vistas a responder ao problema e aos objetivos que a pesquisa de mestrado se propôs, os dados coletados previamente foram analisados, por meio da

análise de conteúdo. Esta técnica possui diversas modalidades como: análise lexical, análise de expressão, análise de relações, análise temática e análise de enunciação (MINAYO, 2014). Tendo como horizonte os objetivos deste trabalho, escolhi utilizar a modalidade de análise temática. A opção se respalda no fato de que é uma alternativa quando se quer estudar valores, opiniões, atitudes e crenças, através de dados qualitativos.

O processo de análise seguiu os passos apresentados por Minayo (2007; 2014) e estes foram baseados nas três etapas do processo de análise temática: pré-análise (“leitura flutuante”), exploração do material (codificação e categorização) e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Após a seleção do material e a leitura flutuante, a exploração foi realizada através da codificação. Esta se deu em função da repetição dos temas que foram constituindo-se em unidades de registro, para então efetuar-se o processo de categorização.

As categorias, segundo Minayo (2014, p. 317), são “expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado”. Com o objetivo de facilitar a organização, estabeleci duas categorias finais. Estas representam a síntese da análise temática, construída com intuito de respaldar as interpretações e inferir os resultados.

Sobre esta modalidade, Minayo (2014, p. 316) define: “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõe uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”. Nesse sentido, a categorização final apresenta os núcleos de sentido encontrados na pesquisa.

Falando um pouco mais da última etapa da análise de conteúdo, na modalidade temática, segundo Minayo (2002):

[...] devemos tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações estatísticas, nossa busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando. (MINAYO, 2002, p. 76).

No caso o fenômeno que estamos problematizando aqui neste estudo é como os estudantes e os gestores do colégio percebem o voluntariado educativo. A partir dessas observações, em quais aspectos o voluntariado favorece a formação integral

dos estudantes do CSI e, conseqüentemente, uma educação ao longo da vida, além de contribuir para que a gestão do programa seja aprimorada.

Os passos que foram dados para realização desta análise temática foram cuidadosamente pensados a partir de Minayo (2014, p. 316) na tarefa denominada “constituição do corpus” da pesquisa (ainda na primeira etapa de pré - análise), levando em consideração algumas normas que podem validar qualitativamente o trabalho, que são: exaustividade (que contemple todos os aspectos levantados), representatividade (que contenha as características essenciais), homogeneidade (que obedeça a critérios, técnicas e atributos que permitam que a categoria não seja tão ampla ao ponto de abarcar questões diferentes em uma mesma categoria) e pertinência (que seja adequada para responder aos objetivos da pesquisa).

Tendo por norte tais normas, todos os instrumentos de coleta (questionários online e grupo focal) e os documentos analisados (Projeto pedagógico, regimento interno, termo de adesão ao voluntariado e registros autobiográficos), foram “varridos” para que nenhum aspecto relevante para o problema de pesquisa ficasse de fora.

As categorias empíricas finais desta pesquisa, foram resultado de um processo iniciado nos referenciais teóricos. Este processo, de forma resumida, passou pelas primeiras unidades de registro sendo agrupadas de acordo com temas correlatos e dando origem às categorias iniciais. Elas foram reagrupadas tematicamente originando as categorias intermediárias. E, por último, estas foram aglutinadas em função da ocorrência dos temas resultando nas categorias empíricas finais.

Minayo (2014) apresenta tais categorias da seguinte forma:

Quando são construídas *a posteriori*, a partir da compreensão do ponto de vista dos atores sociais, possibilitando desvendar relações específicas do grupo em questão, são chamadas *Categorias empíricas*. *Categorias empíricas* constituem-se em classificações com dupla forma de elaboração: são, antes de tudo, expressões classificatórias que os atores sociais de determinada realidade constroem e lhes permitem dar sentido a sua vida, suas relações e suas aspirações. Portanto, emanam da realidade. Por outro lado, são elaborações do investigador, é sua sensibilidade e acuidade que lhe permitem compreendê-las e valorizá-las, à medida que vai desvendando a lógica interna do grupo (objeto) pesquisado e descobre essas expressões, as exploram e sobre elas criam construtos de segunda ordem. (MINAYO, 2014, p. 179, grifos da autora).

E a autora continua:

Geralmente, quando um pesquisador consegue apreender e compreender as categorias empíricas de classificação da realidade do grupo investigado, perceberá que elas são saturadas de sentido e chaves para compreensão teórica da realidade em sua especificidade histórica e em sua diferenciação interna. (MINAYO, 2014, p. 179).

Tais expressões construídas pelo grupo da pesquisa nos instrumentos utilizados e a minha sensibilidade como pesquisadora permitiram que eu chegasse às duas categorias finais que seguem e serão esmiuçadas no próximo capítulo: 1ª categoria - A compassividade (que abre caminho para a solidariedade) e 2ª categoria - O comprometimento (para promoção da justiça).

6 DA COMPASSIVIDADE AO COMPROMETIMENTO: VOLUNTARIADO QUE FORMA HOMENS E MULHERES PARA OS OUTROS

*“[...] o amor se deve pôr mais nas obras que nas palavras”
(LOIOLA, 1999, p. 49).*

Como educadora de um colégio da Companhia de Jesus, por diversas vezes, pude ouvir algumas expressões que fazem parte do nosso vocabulário comum como “em tudo amar e servir”, por exemplo, que faz referência aos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (EE), a base da espiritualidade e pedagogia inaciana.

Em especial, quero trazer aqui duas expressões também igualmente utilizadas na perspectiva da educação, que me ajudarão a apresentar as categorias empíricas escolhidas para este trabalho. Elas fazem parte dos “livros de cabeceira”⁴ de qualquer educador que trabalhe com os jesuítas e foram aperfeiçoadas ao longo dos anos pelos Superiores Gerais da Companhia de Jesus em suas alocuções ou documentos direcionados aos educadores.

Ambas dizem respeito ao objetivo da Companhia com a educação ofertada em seus centros educativos: “formar homens e mulheres para os outros” e “formar homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos” ou simplesmente “formar para os 4 Cs”.

A primeira expressão surgiu por conta de inquietações do coração do Padre Pedro Arrupe, SJ⁵, então Superior Geral da Companhia de Jesus, no 10º Congresso Internacional de Ex-alunos jesuítas da Europa em Valência, na Espanha (ARRUPE, 1987).

Nossa meta e nosso objetivo educacional estão voltados para a formação de homens que não vivam apenas para si mesmos, mas também para Deus e para Cristo: para aquele que por nós morreu e ressuscitou; homens para os demais, isto é, que não concebiam o amor a Deus sem o amor ao homem; um amor eficaz que tem como primeiro postulado a justiça, que é a única garantia de que nosso amor a Deus não é uma farsa ou uma roupa farisaica que oculte nosso egoísmo. (ARRUPE, 1973 *apud* MARGENAT, 2022, p. 122).

E continua:

⁴ Características da educação da Companhia de Jesus (COMPANHIA DE JESUS, 1986) e Pedagogia Inaciana: uma proposta prática (COMPANHIA DE JESUS, 1993).

⁵ De *Societas Jesu*, em latim, que significa Companhia de Jesus.

Diante desta tarefa educacional de formar homens que vivam de modo eficaz para os outros, se levantam tremendos obstáculos. [...] é precisamente a orientação do sistema educacional vigente (na escola e nos meios de comunicação) que marcha na direção oposta. Em vez de criar homens com sentido social, 'fomentam um individualismo fechado'. Em vez de conceber a formação como uma capacitação para o serviço, fomenta-se "uma mentalidade que exalta a posse" e que rebaixa a escola, o colégio e a universidade ao nível de campo de aprendizado de técnicas para subir postos, ganhar dinheiro e situar-se - às vezes, de modo explorador - sobre os demais. Enfim, — e isto é provavelmente o mais grave —, a ordem (ou a desordem) estabelecida influi de tal modo nas instituições educacionais e nos meios de comunicação social que estes, em vez de fomentar o 'homem novo', só geram reproduções 'de um homem tal qual', do 'homem que a mesma ordem deseja, isto é, de homem à sua imagem', incapaz de alguma transformação verdadeiramente renovadora. (ARRUPE, 1973 *apud* MARGENAT, 2022, p. 122).

Na fala de Padre Arrupe, SJ, fica muito clara a tarefa para a qual somos convidados a abraçar e, ao mesmo tempo, nos reinventar, diante dos desafios que se levantam para o desempenho de tal missão. Formar homens e mulheres que vivam para os outros, com um olhar atento às necessidades sociais dos demais, com uma perspectiva e desejo de mudança do estado das coisas, que deem sentido social às suas vidas é, basicamente, o que se esperava (e ainda se espera) da educação da companhia em seus mais de 800 colégios, em 72 países (RJE, [2022b]).

Repetidamente reforçada nos documentos e pronunciamentos que versam sobre educação, tal palavra de ordem, levou o corpo apostólico (jesuítas, leigos e leigas que trabalham a partir do carisma inaciano) a se debruçar sobre este objetivo com a missão de entendê-lo melhor a cada dia para assim poder realizá-lo com maior clareza.

Nesse sentido, o documento "Características da Educação da Companhia de Jesus" (COMPANHIA DE JESUS, 1986) veio orientar jesuítas e leigos acerca de sua missão enquanto educadores. E pensando em tornar tais características ainda mais claras e práticas, sete anos depois foi lançado o documento "Pedagogia inaciana: uma proposta prática" (COMPANHIA DE JESUS, 1993).

Na ocasião do lançamento deste documento, Pe Kolvenbach, SJ, então superior geral da Companhia de Jesus, reafirmou a abordagem de Pe Arrupe, SJ, e ampliou seu significado ao explicar que "nosso objetivo como educadores é a formação de homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão" (COMPANHIA DE JESUS, 2015, p. 1).

Finalmente chego na segunda expressão talvez mais utilizada no ambiente educativo nos últimos anos: Formar para os quatro C's. Esta expressão tem inspirado

e orientado a educação oferecida pela Companhia em seus centros educativos e tem sido usada também para ilustrar o modelo de excelência humana e formação integral que se almeja.

Pe Adolfo Nicolás, SJ, superior geral da Companhia de Jesus de 2008 a 2016, cunhou esta nova chave de entendimento dos quatro C's:

Estes quatro adjetivos expressam a "excelência humana" que a Companhia de Jesus deseja para os jovens que a sociedade nos confia: Conscientes, porque além de se conhecerem, graças ao desenvolvimento da sua capacidade de interiorização e do cultivo da vida espiritual, eles têm um conhecimento e experiência consistentes da sociedade e seus desequilíbrios; Competentes, profissionalmente falando, porque possuem uma formação acadêmica que lhes permite compreender com rigor os avanços da ciência e da tecnologia; Compassivos, porque são capazes de abrir o coração para se solidarizar e assumir o sofrimento que os outros experimentam; e Comprometidos, porque, sendo compassivos, trabalham com honestidade e fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e estruturas sociais para alcançar a justiça. (NICOLÁS, 2013, p. 5, tradução nossa).

Quando Nicolás, SJ (2013), resume nos 4 C's aquilo que a Companhia de Jesus entende por "excelência humana", e esta sustenta a ideia de formação integral, ele estabelece um novo parâmetro de compreensão, realização e avaliação da tarefa educativa, junto aos jovens que passam pelos nossos centros educativos.

Poderia problematizar aqui como "ensinar" esses 4C's, assim como a supervalorização de um conceito em detrimento do outro. No entanto, essa pesquisa não é sobre esta temática especificamente, contudo não pode deixar de lado tal inquietação. Daí minha intenção de dar voz a compassividade e ao comprometimento. Talvez tenhamos que ter um olhar mais atento para estas questões.

Há inúmeros exemplos na história de uma excelência educativa concebida estreitamente, de pessoas muito adiantadas do ponto de vista intelectual, mas que ao mesmo tempo permanecem sem um adequado desenvolvimento emocional, e moralmente imaturas. Estamos começando a perceber que a educação não humaniza necessariamente nem transmite valores cristãos às pessoas e à sociedade. Vamos perdendo a fé na ideia ingênua de que toda educação, prescindindo da sua qualidade, empenho ou finalidade, conduz à virtude. Por conseguinte, percebemos cada vez mais claro que, se nossa educação aspira exercer influência ética na sociedade, devemos conseguir que o processo educativo se desenvolva tanto no plano moral como intelectual. Não queremos um programa de doutrinação que abafe o espírito; nem

tampouco pretendemos organizar cursos teóricos especulativos e alheios à realidade. Precisamos é de um padrão na busca do modo de abordar os problemas e valores da vida, e professores capazes e dispostos a orientar esta busca (COMPANHIA DE JESUS, 2009).

Vivemos em uma sociedade que nos obriga, cada vez mais, a sermos os melhores, os mais bem preparados, a termos resposta para tudo. E isso, ao invés de formar ou amadurecer, acaba por fragilizar. Quantas vezes observo em nosso ambiente educacional, jovens que não sabem como agir por si próprios em determinadas situações, aparentemente, muito simples. E isso não é falta de capacidade intelectual, mas despreparo emocional ou social para lidar com as questões.

Certamente ao pensarmos em excelência humana, pretendemos ir além de aprovações em exames de vestibular ou afins. É claro que uma aprovação é uma forma de medir a qualidade do ensino prestado. Mas, se as avaliações fossem capazes de aferir aspectos mais qualitativos da formação desses jovens que “saem” das nossas unidades educativas, que tipo de resultados teríamos? Acredito que esta questão povoe os pensamentos de muitos educadores preocupados com o tipo de excelência que estou problematizando aqui.

Eu procurava introduzir os meus conhecimentos adquiridos em sala com as crianças do CEPAC, ao contar histórias ou ao participar de brincadeiras. Dentre as coisas que mais me ajudaram, posso citar a observação dos meus professores desde o EF I. A didática executada com paciência me ajudou a captar a atenção das crianças e, dessa forma, propor atividades que as divertissem e fizessem elas aprenderem. (Aluno M, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

O exemplo deste aluno a respeito da sua experiência enquanto voluntário faz a gente pensar nos 4 C's. Um aluno *consciente* que possui um bom conhecimento de si e um olhar atento ao entorno e seus personagens. *Competente* pois sua percepção lhe permite executar com eficiência sua tarefa. Uma pessoa *compassiva* porque é capaz de abrir seu coração à solidariedade. E *comprometido* porque se empenhou honestamente na transformação da realidade daquelas crianças por meio da transmissão de um determinado conteúdo com afinco, didática e ludicidade. É esse tipo de excelência humana que se espera dos nossos estudantes e o voluntariado educativo dá sinais, através da análise realizada, de que pode contribuir bastante com, pelo menos, dois dos quatro “C's” dessa meta: o ser compassivo e comprometido.

6.1 A compassividade que abre caminho para a solidariedade

“Compassivos, porque são capazes de abrir o coração para se solidarizar e assumir o sofrimento que os outros experimentam” (NICOLÁS, 2013, p. 5).

Após a introdução realizada no início deste capítulo sobre aquilo que a Companhia de Jesus entende como objetivo da educação que se busca ofertar a sociedade e do tipo de excelência humana que se deseja para os nossos alunos, inicio a apresentação da primeira categoria empírica elencada para a análise de dados da pesquisa: A compassividade que abre caminho para a solidariedade.

Ao longo do projeto de pesquisa o grande objetivo que se pretendeu responder era o de analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e educação ao longo de toda a vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas contribuições poderiam auxiliar a aprimorar a gestão do programa.

No decorrer das etapas de análise realizadas, pude perceber na fala dos participantes da pesquisa (alunos e gestores) que dois dos quatro adjetivos dos 4 C's estavam muito presentes ao relatarem suas experiências no voluntariado: a compassividade e o comprometimento. Esta constatação despertou em mim o desejo de saber o que isso significava para eles e, claro, como observavam que esses elementos influenciavam em sua formação. Igualmente, pude perceber que estes sentimentos têm a capacidade de mover suas vidas e escolhas. No caso da compassividade, a solidariedade aparece como consequência quase que “natural” e sobre ela falarei mais à frente.

Então para começar a falar desta categoria, recorro ao que se pode entender por compassividade. Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, tal palavra por ser definida como “qualidade de quem é compassivo” (COMPASSIVIDADE, c2022). Mas o que seria ser “compassivo”? Define-se “compassivo” como “1. Compadecido. 2. Sensível ao mal alheio. 3. Que indica compaixão” (COMPASSIVO, c2022).

O voluntariado educativo me formou como uma pessoa mais sensível ao outro, como alguém que é capaz de ouvir, de compreender e de acolher uma realidade que não é minha e por isso me enriquece e me marca eternamente em todos os âmbitos da vida. Sou eternamente grata por tudo que o voluntariado me faz sentir e me faz ser, além dos momentos únicos que coleciono devido às experiências incomensuráveis, que nenhuma outra atividade conseguiria reproduzir. (Aluna P, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

O relato desta estudante ilustra bem uma apropriação do conceito de compassividade para sua vida. É interessante observar como nossos estudantes, após terem uma experiência em atividades sociais e voluntárias, começam a se dar conta que esta qualidade lhes habitava. Nesse sentido, o conceito que Bondía (2002, p. 21) traz de experiência se aplica muito bem: “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”.

Assim, já começamos a visualizar os objetivos deste trabalho sendo respondidos. O voluntariado educativo pode contribuir para uma formação integral e para uma educação que se dê para toda vida. Acredito que por esta aluna estar, na ocasião, fechando um ciclo importante em sua vida, a sua capacidade de autoavaliação e síntese, contribuíram para tamanha clareza em sua exposição no questionário.

Ainda nessa linha, um gestor que participou da pesquisa através do questionário online que foi enviado, colaborou um pouco mais para que eu pudesse compreender como ele percebia as contribuições do voluntariado educativo nesse quesito da “compassividade”: *“Eles se percebem dentro deste mundo tão grande e complexo. Passa a vê-lo pelos olhos de outras pessoas.”* (Gestor B, 13 anos de CSI).

A primeira parte dessa fala, faz-me pensar que o fato dos estudantes se perceberem dentro desse mundo grande e complexo, como ele diz, já é um “ganho” para a experiência. Alguns estudantes relataram no grupo focal realizado, que com o voluntariado eles têm a oportunidade de “sair da bolha”. Essa “bolha” invisível faz parte do contexto de onde esses estudantes partem. Sem entrar no mérito de classe social (até porque eu não tenho acesso a tais dados sensíveis), a realidade desta parcela de adolescentes atendidos pelo CSI pode-se dizer que seria bastante favorecida no que tange o acesso à educação, moradia, lazer, bens de consumo etc. Com isso, a “bolha” seria toda essa “proteção” (direitos assegurados) que o envolve. Sendo assim, “sair da bolha” seria “sair do seu contexto e entrar em um outro contexto”. Seria entrar em contato com realidades diferentes da dele e passar a ver as pessoas a partir dos seus olhos, de suas lentes.

E esse ponto é importante para a reflexão que se desenvolve aqui. Quando esses estudantes são “expostos” a realidades diferentes das suas, eles são atravessados por algo que ouvem falar bastante ao longo de seu percurso formativo, mas que nem sempre sabem o que de fato pode ser, ou melhor, como se aplica na vida, que é a empatia. *“Por meio da experiência de conhecer outras realidades e ouvir muitas histórias, aprendi a ter mais empatia, além de me tornar uma pessoa mais humilde.”* (Aluno O, 17 anos, 2º ano do ensino médio).

Conhecer outras realidades e ouvir histórias, fez com que este participante despertasse para a empatia, além de se tornar uma pessoa mais humilde. Pode-se dizer, a partir da perspectiva do voluntariado educativo, que tais experiências de contato com o diferente são bastante formativas e que o estímulo ao desenvolvimento de tais ações pode ter repercussão em vários âmbitos da vida da pessoa.

Segundo Sberga (2001, p. 162): “O voluntariado juvenil não é uma forma de preencher o tempo livre, mas encontra a sua legitimação na educação, tornando-se lugar de crescimento pessoal, com capacidade de autocrítica, e uma maneira mais consciente de viver a própria vida”.

A partir destas falas, vai ficando ainda mais claro o propósito do voluntariado realizado dentro do contexto educacional. E nessa linha, a compassividade, aqui entendida como “a capacidade de abrir o coração para se solidarizar e assumir o sofrimento que outros experimentam” (NICOLÁS, 2013, p. 5), é uma porta de entrada. Ela abre o caminho para a ação, para a solidariedade, porque ela é capaz de sensibilizar o olhar daquele que a experimenta para o mal alheio, para injustiça, para desigualdade.

Sberga (2001) ao utilizar as palavras de São João Paulo II, diz:

A solidariedade não é um sentimento de vaga compaixão ou de superficial comoção devido à má condição de tantas pessoas, próximas ou distantes. Ao contrário, é a determinação firme e perseverante de empenhar-se pelo bem comum, ou seja, o bem de todos e de cada um, porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos. (SBERGA, 2001, p. 134).

Segundo Perrenoud (2005, p. 92), a solidariedade não é espontânea. É uma conquista contra o egocentrismo e o egoísmo. É uma construção social e cultural que, por sua vez, possui práticas que traduzem esse valor em atos concretos, como: “partilhar, ajudar, acompanhar, apoiar, aceitar, integrar, proteger, cuidar, preocupar-

se, etc.” Um estilo de vida pautado em valores éticos e morais que orientam a ação. Nesse sentido, a solidariedade torna-se um compromisso social.

6.2 O comprometimento para promoção da justiça

“Comprometidos, porque, sendo compassivos, trabalham com honestidade e fé, e com meios pacíficos, na transformação social e política de seus países e estruturas sociais para alcançar a justiça” (NICOLÁS, 2013, p. 5).

Como pudemos ver na seção anterior, os primeiros aspectos do voluntariado educativo que apareceram na pesquisa com os estudantes e os gestores foram a compassividade e a solidariedade. Ao esmiuçá-los, percebemos que a compassividade abre caminho para a solidariedade ao provocar a abertura dos corações por meio de um olhar atento daquele que se faz sensível ao mal alheio.

A solidariedade, por sua vez, promove um movimento muito legítimo de querer o bem comum, de buscar concretizá-lo por meio de uma vida coerente com os valores éticos e morais edificados em seu interior. Ela, entendida aqui como um posicionamento de não fechar os olhos perante realidades diferentes, muito mais do que um sentimento de compaixão, se apresenta como consequência, como uma ação positiva daquele que se deixou tocar pela dignidade imanente daquele que sofre.

Mesmo parecendo um processo óbvio, a solidariedade que não é espontânea, mas uma conquista, uma construção, ainda pode ser afetada por uma indiferença compassiva (PERRENOUD, 2005) que pode mascarar uma boa ação, mas sem frutos permanentes.

Nesse sentido, Sberga (2001, p. 221) apresenta uma forma de verificar se a solidariedade manifesta através voluntariado é real ou não: “o que o voluntariado educativo propõe aos jovens é um compromisso no campo social [...]”. O compromisso é a chave para entendermos se a pessoa fez a passagem. Se migrou do sentimento para a ação, da compaixão ao comprometimento.

O compromisso apareceu de diversas formas nas falas dos participantes da pesquisa. Em especial, muito vinculado a uma frequência impecável às atividades e a um desejo de se ofertarem ao máximo nas ações. Inclusive, aparentando uma autocobrança por darem o máximo de si: *“Procurei sempre comparecer aos dias de atividade e participar ativamente.”* (Aluna A, 17 anos, 3º ano do ensino médio); *“Sempre tentava o meu melhor mas queria ter dedicado mais tempo às atividades.”*

(Aluno B, 16 anos, 2º ano do ensino médio); *“Sempre dei o meu máximo pelas crianças que eu ajudei, não importava o quanto eu estivesse cansada, sempre fazia de tudo para deixar seus dias melhores.”* (Aluna C, 18 anos, 3º ano do ensino médio); *“Nunca perdia um dia de voluntariado e sempre me mostrava disposta a ajudar no que era preciso.”* (Aluna D, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Algo que percebi há um bom tempo atuando com o voluntariado educativo no CSI, e que também estava muito presente nas falas deles, era o compromisso com o “ajudar”. Quando perguntei aos estudantes o motivo de se inscrevem nas atividades voluntárias, o porquê de se candidatarem, quase sempre a resposta girava em torno da palavra “ajudar”. É claro que cada pessoa possui um motivo em particular para se comprometer em atividades assim, mas pode-se dizer que, em geral, se apresentam por motivos altruístas, familiares, profissionais, de fazer o bem, pelo desejo de ajudar, dentre outros. Vimos na seção anterior que a solidariedade é um valor que se manifesta em atos concretos e o ato de ajudar é um deles.

Algo que se apresenta aqui como um ponto relevante para a discussão seria o fato desta palavra acabar realizando uma associação muito direta ao que se critica bastante no voluntariado tradicional: o assistencialismo. Ele que, em muitas vezes, realiza a manutenção das realidades, não promove mudanças, e acaba por destituir quem é de direito de suas responsabilidades legais de prover aquilo que a Constituição preconiza como direitos fundamentais. Porém se faz necessário demarcar aqui o propósito do voluntariado promovido em ambiente educativo: a formação do sujeito.

A prática do voluntariado como atividade educativa não consiste em romantizar a dor e a pobreza. Não é um turismo exótico pelas periferias do mundo, uma excursão escolar sobre as injustiças e negações do Estado, não é uma reprodução de atividades de entretenimento na desgraça. Graças à sua capacidade organizativa e a percepção de que política e educação são os caminhos mais eficazes para a mudança social que o voluntariado estudantil se torna instrumento de transformação, de conscientização e de esclarecimento. [...] O objetivo é prepará-los na prática para lidar com problemas complexos em nossa sociedade, ou seja, é uma forma de intervenção societária. (ORNELLAS; SOUZA; ROTTERDAN, 2021, p. 347).

O voluntariado educativo é uma forma de resistência. De militância contra as desigualdades que estão postas a olhos nus. É um meio de mostrar aos jovens que passam por nós, que é possível uma educação libertadora. Que liberte de “bolhas” invisíveis, que tantas vezes parecem intransponíveis. Que derrube muros e construa

pontes. *“De fato entender pessoas de fora, conversar, sair do meu círculo, sair dos meus privilégios, sair da minha rotina de sempre, né? Que querendo ou não a gente vive nessa ‘bolha’”*. (Aluna E, 18 anos, 3º ano do ensino médio – grifo da aluna).

O estado de consciência, de esclarecimento, faz parte desse processo que acontece no voluntariado educativo. Apesar de estar aqui neste trabalho falando de dois desses quatro “C’s”, a formação integral não é algo “capenga”. Os quatro “C’s” formam a base. Ser consciente de sua realidade, das circunstâncias que a cercam, das desigualdades sociais é um sinal de que a formação que se pretende ofertar está atingindo seu fim, de que houve uma transformação do sujeito e conseqüentemente uma perspectiva de preparação desta pessoa para atuar nesta sociedade complexa, desigual e injusta na qual nos encontramos.

Uma educação que não fique ensimesmada, mas que seja para o outro, para os outros. É para isso que o voluntariado educativo se justifica nesta pesquisa. Para despertá-los do “sono profundo” das regalias, dos bem-nascimentos, dos benefícios, dos privilégios, para conseguirem enxergar o ser humano que está ali do lado dele. Para mostrar que existe vida do lado de fora da “bolha” e ela muitas das vezes não é igual aos “comerciais de margarina”, onde o ideário de “família perfeita”, onde a felicidade, o cuidado, a escuta são transmitidos junto com muita fartura à mesa. O voluntariado educativo serve ao propósito de incomodar para mobilizar. Esse é o intuito.

Me mudou completamente como pessoa. Sempre procurei fazer o bem e agir em prol do bem-estar coletivo, mas o voluntariado me deu espaço e capacidade para fazer isso. Me deu espaço para contribuir com a comunidade, para usar todos os privilégios que por ‘sorte’ nasci para ajudar a vida de outras pessoas. É simplesmente a experiência mais linda que já tive na vida. Enxerguei a vida com outros olhos e passei a valorizar coisas diferentes, amadureci demais e gosto de pensar que atualmente sou uma pessoa melhor do que eu era antes de começar! Além disso, sou grata demais pelos alunos do noturno (EJA) que trabalhei por um ano e tive o prazer de conhecer e de aprender TANTA coisa com eles. (Aluna E, 18 anos, 3º ano do ensino médio – Grifo da aluna).

O voluntariado educativo foi a oportunidade que esta aluna encontrou para *“fazer o bem e agir em prol do bem-estar coletivo”*. Pode-se dizer que ela fez a passagem dos sentimentos simpáticos oriundos do voluntariado que desempenhava para a ação empática e mobilizadora de novos caminhos societários.

Quando olho para os objetivos deste trabalho, principalmente o que diz respeito aquilo que estudantes e gestores reconhecem como significativo no voluntariado

educativo, eu vejo essa travessia como algo assim. Realizar esta atividade voluntária teve significado para a vida dessa jovem, promoveu sentido e um novo rumo para as suas escolhas. Contribuiu para que ela fosse uma pessoa mais integrada e preparada para uma vida em sociedade.

Olha, pelo menos por mim, mudou completamente a minha visão de mundo. Absolutamente. Eu comecei no nono ano, então tinha 14 anos, e eu comecei no CEPAC (Centro Educacional Pe Agostinho Castejon). Eu fiz um semestre. Foi lindo. E depois o resto do ano e meio eu fiz noturno (EJA) e eu me apaixonei completamente pelo noturno. Tenho muito carinho pelo projeto do noturno. Vou voltar no ano que vem também (risos). Mas foi um pouco do que eu tinha dito antes mesmo: foi um olhar para fora mesmo. (Aluna E, 18 anos, 3º ano do ensino médio).

Para explicar um pouco da fala dessa aluna, preciso contextualizar que ela iniciou suas atividades voluntárias com crianças na educação infantil e terminou “apaixonada” pelos jovens e adultos do curso noturno do Colégio (onde temos a EJA). Esse processo, pelo relato da estudante, foi valioso para que ela mudasse sua visão de mundo. Ampliou seus horizontes. Alargou suas fronteiras.

Quando conversávamos no grupo focal sobre possíveis mudanças na forma de ver o mundo e se era possível mudá-lo com o voluntariado que desempenhavam, ela conseguiu fazer uma síntese de sua experiência, sendo capaz de realizar uma reflexão madura e esclarecida de seu processo aos moldes do que o paradigma pedagógico inaciano propõe.

E foi assim, um momento de imersão de fato naquilo que eu sempre pensei teoricamente ou que eu sempre estudei teoricamente. Mas é aquilo ali de fato porque é a vida de uma pessoa. Não é um texto teórico para gente ficar lendo. É a realidade de alguém. Então, enfim, o que eu posso dizer: me mudou completamente. Eu pensei em fazer serviço social durante muitos anos, mudou minha ideia de carreira também. É assim, não tem o que dizer. Não seria a pessoa que eu sou hoje se eu não tivesse tido a oportunidade no Santo Inácio de fazer trabalho voluntário, 100%. Falo assim, tranquilamente. (Aluna E, 18 anos, 3º ano do ensino médio).

E, apesar de utilizar um longo trecho da fala desta estudante, outras contribuições foram dadas nessa linha da mudança, das quais selecionei uma a mais que, a meu ver, expressa de forma clara o que foi “semeado” no voluntariado:

Eu estava até lendo um livro esses dias que falava muito sobre a domesticação do olhar contemporâneo. Que ele é muito voltado a si mesmo e sempre quando a gente passa por alguém na rua mais necessitada (gente, eu sinto uma raiva disso) que aí alguém fala "nossa, que pena". Eu sinto uma raiva de um sentimento de pena. Porque eu acho que com pena a gente não faz nada. Com pena a gente não sai do lugar, entendeu? [...] Sair da mesmice, sabe? Da pena. E de olhar para o outro com esse olhar de pena. Eu acho que a gente tem que olhar para o outro com a vontade de mudar, sabe? De juntar todo mundo. Vamos nos unir. Vamos fazer diferente. [...] Eu acho que a gente também tem que trazer uma mudança de mentalidade e acabar com essa história de pena, entendeu? Porque a gente consegue fazer. A gente consegue mudar. (Aluna P, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Mas é necessário aqui não romantizar tais relatos e fazer um contraponto importante, e ao mesmo tempo desafiador, ao desenvolvimento do trabalho da gestão do voluntariado educativo. Sabe-se, a partir de Freire (1979), que quando uma comunidade sofre uma mudança (e neste caso podemos entender a comunidade de estudantes voluntários), promove-se a consciência e ela se transforma. Existe aí um risco, que devemos ficar atentos, de que esta consciência permaneça no nível da ingenuidade, com uma busca de compromisso, mas sem um compromisso efetivo. O voluntariado educativo precisa estar atento a estas passagens para que as mudanças sejam reais e não mágicas, como uma consciência ingênua acredita.

Acredito que estes relatos ajudam a visualizar as percepções que os estudantes têm do voluntariado educativo e as contribuições que ele pode trazer para uma vida integral e integradora de tantas outras pessoas que se colocarem nos seus caminhos ao longo da vida. A partir do compassividade, um novo olhar pode ser despertado. Com o comprometimento, uma nova atitude perante a vida e a sociedade.

Segundo Costa (2018, p. 93), “o comprometimento é princípio freiriano, e é pressuposto à educação que esteja a favor de uma vida digna, decente e justa”. A mudança estimula o compromisso. Seja ela de hábitos, de visão de mundo, de opções políticas (e aqui não me refiro às partidárias), em prol de uma sociedade que merece uma vida condizente com o que se entende por uma vida digna, decente e justa. Que tenha seus direitos reconhecidos e assegurados e que veja seus sujeitos como protagonistas de suas histórias, apesar das circunstâncias que os cercam. Uma mudança que trabalhe pela “verdadeira humanização do homem, de seu ser mais” (FREIRE, 1979, p. 26).

Ao introduzir este capítulo, apresentei algumas expressões que fazem parte da literatura mais recente da Companhia de Jesus a respeito de educação. Certamente teríamos várias outras, mas neste momento, vejo como sendo importante, retomar um

pouco a primeira expressão (formar homens e mulheres para os outros) para trazer um novo elemento para a discussão.

Na fala de Arrupe, SJ, em seu discurso aos antigos alunos da Companhia de Jesus, a meta e o objetivo educacional foram apresentados, mas o que pode auxiliar nesta reflexão é um trecho dessa fala que destaquei:

[...] homens para os demais, isto é, que não concebiam o amor a Deus sem o amor ao homem; **um amor eficaz que tem como primeiro postulado a justiça**, que é a única garantia de que nosso amor a Deus não é uma farsa ou uma roupa farisaica que oculte nosso egoísmo. (ARRUPE, 1973 *apud* MARGENAT, 2022, p. 122, grifos nossos).

Desde que comecei a trabalhar em um colégio da Companhia, a palavra “justiça” sempre esteve muito presente. Em quase todos os documentos que norteiam a nossa ação educativa podemos encontrá-la e Arrupe, SJ, colocou-a como premissa de um amor eficaz, como garantia contra a farsa e o farisaísmo para podem ocultar o egoísmo e o egocentrismo que reina na sociedade.

Isso ainda me leva a pensar em algo que Perrenoud (2005) apresenta como “indiferença compassiva”, que mascara uma compaixão geralmente sincera, mas evasiva.

Compadecem-se, mas daí a se mobilizarem para mudar o rumo das coisas há uma grande distância. É uma compaixão que não nos engaja em nada, a não ser em um instante de simpatia rapidamente esquecido. Ora, esta indiferença compassiva está na raiz do dismantelamento do vínculo social, da violência, na raiz das segregações, das exclusões. (PERRENOUD, 2005, p. 80).

Segundo o documento *La excelencia humana* (COMPANHIA DE JESUS, 2015, p. 7, tradução nossa): “a pessoa compassiva é capaz de evoluir de sentimentos de caridade e compaixão para um sentido de justiça e solidariedade, que favoreçam a sua contribuição para mudar as estruturas sociais injustas do mundo em que vive”.

O comprometimento estimula a mudança (e vice-versa), que por sua vez promove o desejo de justiça, de mudar as estruturas sociais injustas. Segundo o documento *Pedagogia Inaciana* (COMPANHIA DE JESUS, 2009, p. 27), a missão da Companhia de Jesus como ordem religiosa dentro da Igreja Católica, é “o serviço da fé, da qual a promoção da justiça é o elemento essencial”, desse modo a fé está conectada com a justiça.

Se o comprometimento, se o serviço da fé, se as ações sociais e voluntárias, não gerarem um desejo de justiça, então este não terá sido verdadeiro.

O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados', ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete apenas o medo que se tem de revelar o compromisso. Este medo quase sempre resulta de um "compromisso" contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão 'comprometidos' consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível. (FREIRE, 1979, p. 9).

O compromisso é uma experiência, assim como a compassividade e a solidariedade. Além deste primeiro ser muito estimulado no âmbito escolar, como forma de incentivar a autonomia dos estudantes, no voluntariado educativo também podemos visualizar esta experiência acontecendo com aqueles que se abrem a ela.

O compromisso não permite neutralidade, assim como Freire (1979) diz acima. Por isso que ele implica um movimento em direção a estruturas sociais mais justas, um desejo de intervenção na sociedade. De poder se tornar um agente desta transformação. Nesse sentido, é como se o voluntariado desenvolvido em ambiente educacional fosse uma "incubadora" de novos projetos de vida para uma sociedade diferente.

6.3 Contribuições para a gestão do programa de voluntariado educativo

Após as contribuições observadas nas seções anteriores, onde o voluntariado educativo tem se demonstrado uma ferramenta eficaz para a formação integral e, conseqüentemente, para uma educação ao longo da vida para os estudantes que dele participam, é importante refletir também neste capítulo de análise, sobre aquilo que se espera de um programa de voluntariado educativo e sobre as contribuições advindas das percepções de alunos e gestores do Colégio para a sua gestão.

[...] os indicativos para construção de um programa de voluntariado eficaz e real está em sua capacidade de romper com o narcisismo que nos assombra, de tratar da cidadania como atributo fundamental para garantir justiça social e de reconhecer que com a defesa dos direitos humanos garantiremos o rompimento da pobreza material e intelectual. Acertaremos se o voluntariado em territórios educacionais respeitarem os três indicativos supracitados e não se acomodarem no assistencialismo. (ORNELLAS; SOUZA; ROTTERDAN, 2021, p. 349).

O assistencialismo é um risco a quem se lança na realização de ações voluntárias, até porque ele seria o primeiro estágio desse tipo de iniciativa e uma “zona confortável” para ancorar diversas ações eventuais, sem necessariamente gerar compromisso. Mas os autores citam no trecho acima, três indicativos para a construção de um programa “eficaz e real”: romper com o narcisismo, cidadania para garantir justiça social e defesa dos direitos humanos. Esses indicativos podem ajudar a reorientar a gestão deste programa para que este gere “uma solidariedade comprometida e inserida na realidade, formando agentes capazes de produzir mudanças em nível individual e coletivo, exercendo seu papel de pessoa e cidadão” (ORNELLAS; SOUZA; ROTTERDAN, 2021, p. 351).

Sobre “romper com o narcisismo”, me vem à mente a música “Sampa” de Caetano Veloso, 1978, onde ele diz: “Quando te encarei frente a frente não vi o meu rosto/Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto/É que Narciso acha feio o que não é espelho” (VELOSO, [2022], *online*).

Acredito que a letra desta canção ajude a ilustrar muito bem o que se passa com a nossa sociedade e, conseqüentemente, com a juventude, com nossos estudantes. A “bolha” da qual foi bastante falada nas seções anteriores acaba por se tornar uma superproteção que em muitos momentos impede que a “encarada” da alteridade aconteça permitindo que outros parâmetros, outras reflexões sejam feitas para além daquilo que me é feio ou de mau gosto. Quando o voluntariado “fura a bolha”, ele permite que novas relações se estabeleçam: consigo, com as pessoas, com a sociedade, com Deus. Este aluno sai de si. Busca o “nós”, na complexidade que configura a sociedade. Sai das suas referências de mundo e passa a ver o outro e a sociedade com outros olhos. Nesse momento, a compassividade adentra e abre caminho para uma solidariedade que se traduz em práticas de comprometimento em prol de uma sociedade mais humana e justa.

Mais uma vez retomo a afirmação de Perrenoud (2005, p. 92) que diz que “[...] a solidariedade não é espontânea, é uma conquista contra o egocentrismo e o

egoísmo que caracterizam a criança pequena, como também contra o etnocentrismo de todo o grupo humano e a prioridade que dá a seus próprios interesses”.

Resumindo: A solidariedade se torna um “antídoto” ao narcisismo. Ela retira o “eu” do centro e indica um “outro” que com suas semelhanças e diferenças impulsiona para a alteridade e para a empatia.

Talvez esta seja uma chave importante para tirar as pessoas do seu “próprio umbigo” ou do “eu em primeiro lugar” e além de todos. Acredito que para a gestão do programa de voluntariado fique a certeza de que é necessário continuar a provocar os estudantes ao ponto de furarem suas “bolhas” para que experimentem algo novo, que tem o poder de dar um novo sentido para suas vidas. Nesse sentido, a solidariedade é um aspecto e efeito intencional do voluntariado educativo e, conseqüentemente, de sua gestão que precisa trabalhar por isso.

No raciocínio que segui para construir as categorias que trabalho nesta pesquisa, após a compassividade e a solidariedade, vem o comprometimento e a justiça. A consequência (não óbvia) de abrir-se a compaixão para ser solidário, é comprometer-se na promoção da justiça.

Segundo Perrenoud (2005, p. 26) “vivemos em uma sociedade tão ávida de justiça quanto impregnada de desigualdades”. E isso é fato. As diversas questões sociais estão postas. Para aqueles que se encontram “despertos”, elas são vistas a olhos nus. E nesse sentido, a escola é um campo onde estas se apresentam e pode ser também e em especial um lugar onde as injustiças serão combatidas.

Pode-se dizer que o voluntariado incentivado dentro das escolas pode se tornar uma estratégia eficaz de educação para cidadania. É óbvio que ele não se apresenta de forma isolada e nem como “salvador da pátria”, até porque “o conjunto do currículo está em jogo” (PERRENOUD, 2005, p. 13), mas pode auxiliar de maneira colaborativa com experiências formativas relevantes nesse sentido, como: respeito às diferenças, empatia, tolerância, senso de colaboração, de liberdade, de justiça, dentre outros.

O voluntariado estudantil é uma oportunidade estratégica para o desenvolvimento prático de habilidades fundamentais para a vida, que, aliadas a demandas do século XXI, podem contribuir com a formação das competências apontadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como: o autoconhecimento, a autorregulação, a percepção social, o relacionamento e a tomada de decisão responsável. (ORNELLAS; SOUZA; ROTTERDAN, 2021, p. 346).

Ainda na linha das sinalizações apresentadas pelos gestores que participaram da pesquisa, cabe à escola estar atenta àquilo que acontece no “currículo oculto” da instituição e à gestão do programa de voluntariado publicizar mais aquilo que se faz. Segundo Silva (2003, p. 78), “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”.

Todos os gestores que participaram da pesquisa sinalizaram a necessidade de uma maior divulgação dos trabalhos realizados, assim como uma ampliação da oferta de vagas para que um maior número de alunos possa viver a experiência de realizar ao menos uma ação voluntária, apesar de não ser esta a meta do voluntariado educativo (a realização de ações eventuais).

Seguem algumas das contribuições nessa linha: *“Na divulgação das ações e dos resultados, fazer uma propaganda mais forte na época das inscrições, para que mais alunos possam se motivar e possam se engajar.”* (Gestor A, 11 anos de CSI).

Este gestor ainda enfatiza a necessidade de uma “propaganda” maior junto aos alunos para que estes sejam mais motivados a se engajar. Aí está mais uma contribuição para a gestão do programa de voluntariado do CSI: se dedicar um pouco mais na divulgação dos trabalhos realizados, assim como pensar junto a comunicação do Colégio alternativas que alcancem da melhor forma possível o nosso público. Eu penso que a questão é curricular e não de propaganda. Há necessidade, sim, de dar visibilidade pela inclusão no currículo, pela sua relação com as demais áreas do currículo e formação.

“Ele poderia ampliar a quantidade de vagas oferecidas aos alunos. Penso que para o quantitativo enorme de alunos que temos, as ações acabam sendo restritas a poucos estudantes.” (Gestor B, 13 anos de CSI).

Assim como: *“Ampliar as ofertas da experiência.”* (Gestor C, 29 anos de CSI) e *“Acolher um maior número de alunos.”* (Gestor D, 30 anos de CSI). Tais contribuições me levam a crer que o voluntariado educativo se apresenta dentro da instituição como uma importante ferramenta de aprendizagem de habilidades e competências sociais que todos os alunos deveriam experienciar, a partir das observações dos gestores do ensino médio.

O arcabouço acadêmico que o estudante traz consigo gera subsídios importantes para ele entender seu lugar no mundo que o cerca: desigualdade social, justiça social, distribuição de renda, entre outros. Além disso, acrescento que o voluntariado igualmente é importante para ele construir o conhecimento dentro de sala. Um retroalimenta o outro. (Gestor B, 13 anos de CSI).

De alguma forma este relato, contribui para uma melhor gestão do programa de voluntariado, pois deixa aqui um indício importante de que o voluntariado precisa estar mais presente “dentro de sala”, ou seja, dentro do currículo. Talvez esteja aqui, uma boa dica de intervenção para este trabalho. Onde as ações realizadas sejam compartilhadas de tal modo com os demais que, mesmo aqueles que não tem a possibilidade de realizarem nenhum tipo de atividade, tenham a oportunidade de, ouvindo falar das mesmas, experimentar um pouco do que “atravessa” quem faz.

Alguns estudantes deixaram suas contribuições para que a gestão do programa de voluntariado fique atenta às possibilidades de estabelecer frentes diversas de atividades voluntárias com dias e horários variados, oportunizando assim que mais estudantes se engajem, além de proporcionar uma maior rotatividade pelas atividades: *“Eu fiz 2 anos de CEPAC, eu queria até ter ido até para outros lugares para conhecer outras áreas, mas acabou que os horários nunca eram compatíveis.”* (Aluno M, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

O relato de uma aluna a respeito de sua timidez também trouxe à luz uma necessidade que a equipe responsável precisa ter, cada vez mais, de observar posturas, comportamentos, reações, durante a atividade para que a experiência favoreça a participação de todos e ninguém se sinta excluído ou diferente: *“Realizava tudo que era proposto, dando meu máximo. Mas, muitas vezes, por ser tímida não tive tanta participação quanto outros voluntários.”* (Aluna G, 16 anos, 2º ano do ensino médio).

As reflexões que aconteciam após a realização das atividades também foram citadas por uma estudante, sinalizando a importância da permanência: *“Eu visei muito mais a empatia no meu dia a dia, com atos pequenos que podiam mudar muito, grande parte por meio das reflexões que tinha após o dia de voluntariado, vendo as diferentes realidades [...]”* (Aluna J, 17 anos, 3º ano do ensino médio).

Quando perguntados sobre que tipos de mudança os gestores percebiam nos alunos que realizavam voluntariado, uma resposta me chamou a atenção: *“O olhar para o mundo muda; sua conduta disciplinar, em geral, melhora bastante; o voluntário*

fica mais compromissado com suas obrigações; percebo maior empatia e solidariedade a partir de sua participação no voluntariado". (Gestor A, 11 anos de CSI).

Penso que olhar para a gestão de um programa de voluntariado dentro de uma escola é algo que precisa ser pensado a partir de relações mais humanas, justas, participativas. Que favoreçam o crescimento e a autonomia dos estudantes, ao mesmo tempo que os ajude com uma presença amigável e esclarecedora. De certa forma, um estilo de gestão democrática-participativa tal qual Libâneo (2013) apresenta:

A concepção *democrático-participativa* baseia-se na relação orgânica entre a direção e a participação dos membros da equipe. Acentua a importância da busca de objetivos comuns assumidos por todos. Defende uma forma coletiva de tomada de decisões sem, todavia, desobrigar as pessoas da responsabilidade individual. Ou seja, uma vez tomadas as decisões coletivamente, cada membro da equipe deve assumir sua parte no trabalho. (LIBÂNEO, 2013, p. 104, grifos do autor).

Nesse sentido, os estudantes que participam do voluntariado também precisam ser ainda mais inseridos nessa dinâmica democrática – participativa de colaboração para que a gestão seja de fato aquilo que se propõe. Onde percebam que sua fala tem lugar e que sua apropriação é coletiva.

Ser cidadão passa por ter consciência dos seus direitos e deveres e por desejar que estes também sejam garantidos para os demais. Só desta forma, alargando olhares e horizontes, ampliando consciência e comprometimento, que poderemos ter no futuro, uma sociedade menos injusta e desigual. Se os estudantes alcançarem este grau de consciência e a gestão for aprimorada para tal, poderemos dizer, assim, que alcançamos a excelência humana tão desejada.

6.4 Proposta de intervenção

Tendo por objetivo geral analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e educação ao longo de toda a vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa e, ainda, por objetivos específicos: "c" (Descrever as contribuições percebidas por estudantes e gestores do voluntariado educativo, para um aprimoramento da gestão do programa.) e "d" (construir uma proposta de intervenção na gestão do voluntariado educativo, com ênfase na dimensão

pedagógica, na perspectiva do cuidado/atenção do que se refere ao engajamento ético, político e social dos jovens, inerente ao voluntariado), proponho na intervenção:

Quadro 3 – Das propostas de intervenção

(continua)

O que?	Como?	Com quem?	Quando?
Buscar um permanente alinhamento com o que a Companhia orienta, de mais recente, para a educação, assim como as Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus (2019), sem deixar de estabelecer as devidas correlações com as competências gerais da educação básica que constam da Base Nacional Comum Curricular (BNCC);	Através de leituras em grupo e participação nas formações permanentes promovidas pelas coordenações pedagógicas.	Equipe gestora do voluntariado educativo.	Ao longo do ano.
Nas formações para os voluntários, continuar a desvelar tais documentos de maneira simples e direta aos estudantes, além do paradigma pedagógico inaciano e os objetivos da educação inaciana;	Nas formações para voluntários.	Com os estudantes voluntários, equipe gestora de ação social e voluntariado e eventuais convidados para tratar de temas específicos.	Nas reuniões do primeiro e segundo semestre do ano.
Estreitar o contato com o pedagógico, através de suas coordenações pedagógicas, para que possamos garantir espaços de troca de saberes com o corpo discente e docente, de maneira que possamos todos ganhar em uma perspectiva interdisciplinar para que o projeto tenha conexão com a sala de aula e possa ser multiplicado para aqueles que não dispõem de tempo para se engajarem nas diversas frentes.	Agendar reuniões bimestrais com as coordenações pedagógicas	Coordenadoras pedagógicas e equipe de ação social e voluntariado;	Ao longo do ano.
Abrir mais espaços para rodas de conversas com antigos alunos, instituições, ONG's, grupos que tenham afinidade com a espiritualidade inaciana, tendo em vista a formação destes estudantes para uma compassividade-solidária que leve ao comprometimento a serviço da justiça social;	No contraturno escolar, em espaço previamente agendado, com lanche para os participantes.	Parceiros; alunos voluntários	Para começar, duas vezes ao ano (uma no primeiro semestre e outra no segundo).

Quadro 3 – Das propostas de intervenção

(conclusão)

O que?	Como?	Com quem?	Quando?
<p>Buscar estreitar ainda mais a parceria com as instituições que se disponibilizam para a realização das atividades voluntárias, para que possamos saber, por meio de pesquisas qualitativas e quantitativas, como o trabalho tem sido visto e como pode melhorar, tanto por parte das instituições quanto por parte dos atendidos.</p>	<p>Através de reuniões de avaliação ao final de cada semestre.</p>	<p>Parceiros institucionais</p>	<p>Ao final de cada semestre.</p>
<p>Iniciar um processo de formalização do voluntariado educativo a partir do 6º ano do ensino fundamental e não só a partir do 9º ano do ensino fundamental II.</p>	<p>Através de parceria com a gestão do ensino fundamental II (coordenação pedagógica e coordenações de série)</p>	<p>Gestores e alunos do segmento.</p>	<p>A partir de 2023, com duas edições: uma no primeiro semestre e outra no segundo semestre.</p>

Fonte: elaborado pela autora.

7 CONCLUSÕES

É uma alegria chegar até aqui. Escrever a conclusão de um processo com tantos desafios e descobertas, significa uma conquista para mim, para o programa de pós-graduação da Unisinos e para a instituição na qual me encontro e que foi objeto de minha investigação: o CSI.

Ao longo deste caminho me deparei com diversas questões que me inquietaram, proposições que surgiram das colocações dos participantes (estudantes e gestores) que eu nem tinha cogitado quando estava na fase inicial de tessitura dos objetivos deste trabalho, perguntas que poderiam ter deixado mais espaço para que eles se dissessem, se apresentassem. Todos esses pontos certamente ficarão como novos objetivos a perseguir.

Nesse sentido, cheguei à conclusão de que nem sempre daremos conta de tudo que surge quando nos dispomos a trilhar um caminho de pesquisa acadêmica, mas que é necessário voltar ao ponto de partida para não perder o horizonte de vista. Posso dizer que após este processo, os objetivos deste trabalho foram alcançados e as descobertas foram esclarecedoras e motivadoras para a gestão que realizo no voluntariado educativo do CSI.

Os estudantes e gestores que participaram da pesquisa, em seus relatos, tanto nos questionários online quanto no grupo focal (somente estudantes), conseguiram expressar aquilo que percebiam como significativo no desenvolvimento do voluntariado educativo com muita clareza e riqueza de detalhes. O que colaborou tanto para que o objetivo “a” quanto o “b” fosse respondido. A partir desta identificação, a análise dos aspectos e efeitos do voluntariado educativo em relação com uma formação integral e para toda a vida desses estudantes foi algo muito desafiador, porém agradável de ser feito.

De certa forma, foi como uma avaliação do trabalho que a gestão do voluntariado educativo vem realizando no Colégio e o coração pode sair “consolidado”, fazendo uso aqui de uma expressão muito utilizada na espiritualidade inaciana, que poderia ser entendida como “uma *experiência* de encontro e comunhão com Deus” (IGLESIAS, 2020, *online*, grifos da autora). A palavra grifada fez parte de todo o processo e ilustra muito bem como este trabalho pôde “tocar” e “atravessar” aquilo que há anos vinha sendo realizado e que carecia de um olhar atento para ser aprimorado.

Um novo mundo de justiça, amor e paz precisa de gente formada e com competência profissional, responsabilidade e compaixão; homens e mulheres que estejam preparados para acolher e promover tudo o que for realmente humano, comprometidos no trabalho em favor da liberdade e dignidade de todos os povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente empenhados em modificar a sociedade e suas estruturas. (COMPANHIA DE JESUS, 2009, p. 27).

O ensino da humanidade não é tarefa exclusiva de uma disciplina ou de outra, mas de todos aqueles que estão implicados na tarefa educativa. Assim como também não é exclusividade da equipe de ação social e voluntariado, até mesmo porque no universo que se tem de alunos, esta atividade formativa só alcança um número restrito de estudantes.

É preciso apoiar e incentivar ainda mais os alunos que passam pelo projeto de voluntariado promovendo espaço para que eles possam contribuir de alguma forma com todos aqueles que não participam. Para que os aprendizados sejam compartilhados e dados a conhecer para o grupo maior. *“Sempre aprendi muito no trabalho voluntário mas acho que esses conhecimentos não foram muito abordados na sala de aula”* (Aluna H, 16 anos, 2º ano do ensino médio).

Precisamos ter cuidado com a “armadilha” existente naquilo que o Colégio diz que é “extra”. Grande parte das pessoas, quando lê “extra” não cria compromisso ou não entende a dimensão formativa contida na proposta, inclusive os próprios alunos, quiçá os educadores que não tem uma apropriação plena da proposta. Nesse sentido, a gente deseduca ao invés de educar. Reforça uma “estratificação”, onde o que é “extra” fica em último lugar.

Percebi ao longo desta pesquisa, que a instituição “escola” tem uma tradição de “fragmentação” e que, às vezes, enxergar o todo não é uma tarefa fácil nem para o aluno e nem para o educador. Fato que pode tornar ainda mais difícil a tarefa de identificação daquilo que é significativo no processo de desenvolvimento do voluntariado educativo tanto para os estudantes quanto para os educadores. A formação integral acaba ficando mais evidente nesses momentos em que podemos ouvir suas percepções da educação que receberam. Nesse sentido, acredito que poderíamos investir mais em espaços de escuta de nossos alunos e “antigos” alunos. Saber suas impressões da educação que receberam e de que forma ela influenciou seus caminhos e decisões.

Os aspectos do voluntariado educativo encontrados na pesquisa que responderam aos objetivos deste trabalho foram a compassividade e o

comprometimento. Dois dos quatro C's que a Companhia de Jesus preconiza como sustentáculo de uma formação integral. No relato desta aluna, podemos atestar essa compassividade da qual falei neste trabalho: *“Amo ajudar ao próximo, ver alguém feliz, vivendo com dignidade ou aprendendo me deixa extremamente feliz, por isso buscava sempre estar ativa em todos os tipos de voluntariado que a escola oferecia!”* (Aluna R, 17 anos, 3º ano do ensino médio). O comprometimento que serve à promoção da justiça está presente neste outro relato.

O voluntariado contribuiu para meu amadurecimento e crescimento pessoal. Com ele me tornei mais comprometida e consegui compreender a proporção que nossas ações têm na vida de outras pessoas, mesmo que muitas vezes nos não enxerguemos isso. Percebi como a ajuda que muitas vezes julgamos indiferente é na verdade essencial. (Aluna L, 16 anos, 2º ano do ensino médio).

Nessa linha, me recordo dos quatro pilares da educação de Delors (2012) que conversam muito bem com os quatro C's e se aplicam em uma perspectiva de educação para toda a vida:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida de cada indivíduo, serão de algum modo os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e finalmente *aprender a ser*, conceito essencial que integra os três precedentes. É claro que essas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta. (DELORS, 2012, p. 73, grifos do autor).

Quando estamos “pelas ruas” com os estudantes-voluntários, eles estão aprendendo a lidar com os demais. A estar com os demais em sociedade. A ser para os demais. Assim sendo, o voluntariado educativo constitui-se uma importante experiência educativa de humanização. Que proporciona ao aluno uma experiência de sair de sua “bolha”. De ver que não está “solto no mundo”. Que prepara este jovem para viver em sociedade com os “olhos abertos”. É importante que este espaço de formação para a vida esteja garantido dentro da escola e que possa, assim, oportunizar a muitos outros estudantes uma experiência semelhante.

Eu penso que como pesquisadora esta seja uma temática que sempre vai me instigar. Percebo uma necessidade de estudar mais para humanizar melhor. E isso só

vai se dar em uma relação amistosa, “de igual para igual”, entre aquilo que temos como educação formal, não-formal e informal. A integração entre elas, na perspectiva do currículo que se almeja realizar, seria um bom objeto de pesquisa.

Ter tido a oportunidade de cursar um mestrado em um país onde boa parte das pessoas, por diversos fatores, lutam para concluir o ensino médio, é um ganho para todos. Eu saio desta experiência ainda mais certa de que a educação abre caminhos, portas e concede oportunidades reais de mudança e mobilidade social. Eu sou a prova viva disso e quero com o conhecimento que adquiri retribuir à sociedade tudo que recebi.

Finalizo, trazendo o título deste trabalho. Após idas e vindas, acredito que este seja a grande síntese da contribuição que o voluntariado educativo tem deixado ao longo dos anos para os que dele participam e que gostaria de, quem sabe um dia, continuar pesquisando seus aspectos e efeitos no decorrer da vida: Voluntariado educativo – uma experiência de ser com os demais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, H. L. N. Mas afinal de contas, o que é TICs?. *In*: LINKEDIN. [S. l.], 14 out. 2020. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/mas-afinal-de-contas-o-que-%C3%A9-tics-hugo-leonardo-nascimento-almeida/?originalSubdomain=pt>. Acesso em: 4 out. 2022.

ANTUNES, A.; PADILHA, P. R. **Educação cidadã, educação integral**: fundamentos e práticas. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2010. (Educação Cidadã, n. 6). Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3077>. Acesso em: 4 out. 2022.

ARRUPE, P. **Hombres para los demás**: la promoción de la justicia y la formación en las asociaciones. Valencia: Compañía de Jesús, 1987.

BELLO, L. Dia Nacional da Habitação: Brasil tem 11,4 milhões de pessoas vivendo em favelas. *In*: AGÊNCIA IBGE Notícias. Brasília, DF, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/15700-dados-do-censo-2010-mostram-11-4-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-favelas>. Acesso em: 4 out. 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC>. Acesso em: 1 out. 2022.

BONFIM, P. **A “cultura do voluntariado” no Brasil**: determinações econômicas e ideológicas na atualidade. São Paulo: Cortez, 2010.

BORDINI, G. S.; SPERB, T. M. O uso dos grupos focais síncronos on-line em pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 437-445, 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000300011&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 1 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9608.htm. Acesso em: 4 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Selo Escola Solidária é lançado nesta quarta**. Brasília, DF, 26 abr. 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2692&catid=202. Acesso em: 29 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, n. 98, seção 1, p. 44-46, 24 maio 2016.

COLÉGIO SANTO INÁCIO (CSI). **Projeto pedagógico**. Rio de Janeiro: CSI, 2020. Disponível em: https://www.santoinacio-rio.com.br/storage/informacoes_gerais/pdf/Projeto%20Pedag%C3%B3gico%2001_06_2021.pdf. Acesso em: 4 out. 2022.

COLÉGIO SANTO INÁCIO (CSI). **Regimento escolar**. Rio de Janeiro: CSI, 2022.

COMPANHIA DE JESUS. **Características da educação da Companhia de Jesus**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

COMPANHIA DE JESUS. **Características da educação da Companhia de Jesus**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

COMPANHIA DE JESUS. **La excelencia humana**: hombres y mujeres conscientes, competentes, compasivos y comprometidos. [Valencia]: Secretariado para Educação, 2015.

COMPANHIA DE JESUS. **Pedagogia Inaciana**: uma proposta prática. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

COMPANHIA DE JESUS. **Pedagogia Inaciana**: uma proposta prática. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

COMPANHIA DE JESUS. **Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus, 2019-2029**. Roma: Companhia de Jesus, 2019. Disponível em: <http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/wp-content/uploads/2020/01/PreApostoUniversais-1.pdf>. Acesso em: 1 out. 2022.

COMPASSIVIDADE. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [S. l.]: Priberam, c2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/COMPASSIVIDADE>. Acesso em: 6 ago. 2022.

COMPASSIVO. *In*: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. [S. l.]: Priberam, c2022. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/compassivo>. Acesso em: 6 ago. 2022.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **Catálogo de teses e dissertações**. [Brasília, DF, 2020]. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses>. Acesso em: 25 nov. 2020.

COSTA, D. M. Comprometimento. *In*: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

DELORS, J. (org.). **Educação**: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

EDUCATE MAGIS. Rome, [2021]. Disponível em: <https://www.educatemagis.org/>. Acesso em: 24 abr. 2021.

FAGUNDES, H. S. As repercussões do Voluntariado e da solidariedade nas políticas sociais no Brasil. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 12, n. 1, p. 87-102, 2006.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.

GADOTTI, M. **Educação integral no Brasil**: inovações em processo. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2016. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/10020>. Acesso em: 4 out. 2022.

GALDO, R. Rio é a cidade com maior população em favelas do Brasil. *In*: O GLOBO. São Paulo, 21 dez. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/rio-a-cidade-com-maior-populacao-em-favelas-do-brasil-3489272>. Acesso em: 4 out. 2022.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

GATTI, B. A. Potenciais riscos aos participantes. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. v. 1, p. 35-41.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paideia**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-162, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2002000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/8zzDgMmCBnBJxNvfk7qKQRF/?lang=pt>. Acesso em: 1 out. 2022.

GONZAGUINHA. O que é? O que é?. *In*: LETRAS. [S. l., 2022]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/463845/>. Acesso em: 9 out. 2022.

GUARÁ, I. M. F. R. É imprescindível educar integralmente. **Caderno CENPEC**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-24, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.18676/cadernoscenpec.v1i2.168>. Disponível em: <https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/168>. Acesso em: 4 out. 2022.

IGLESIAS, M. E. Consolação espiritual. *In*: IGNATIANA. [S. l.], 22 set. 2020. Disponível em: <https://ignatiana.blog/2020/09/22/consolacao-espiritual/>. Acesso em: 1 out. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Aglomerados subnormais**. Brasília, DF, [2022]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-aglomerados-subnormais.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 29 set. 2022.

JESUÍTAS BRASIL. **Companhia de Jesus apresenta as quatro Preferências Apostólicas Universais**. [Rio de Janeiro], 19 fev. 2019. Disponível em: <https://www.jesuitasbrasil.org.br/2019/02/19/companhia-de-jesus-conhece-as-quatro-preferencias-apostolicas-universais/>. Acesso em: 29 set. 2022.

JESUÍTAS BRASIL. **Espiritualidade**: não é o muito saber que sacia e satisfaz a pessoa, mas o sentir e saborear internamente as coisas. [Rio de Janeiro, 2021]. Disponível em: <https://www.jesuitasbrasil.org.br/espiritualidade/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

KOLVENBACH, P. H. **Carta do Padre Kolvenbach sobre o Paradigma Pedagógico Inaciano**. Roma: [s. n.], 1993.

LAGE, M. P. S. R. **Do assistencialismo à intervenção social**: o voluntariado na construção de agências. 2019. 249 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/22561>. Acesso em: 4 out. 2022.

LAVEZZO, E. **Comunicação e voluntariado educativo**: a construção relacional da cidadania, da solidariedade e de capital social entre jovens. 2010. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/02/15-comunica%C3%A7%C3%A3o-e-voluntariado-educativo.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Heccus Editora, 2013.

LOIOLA, S. I. **Exercícios espirituais: tradução do autógrafo espanhol**. 3. ed. Braga: Livraria A. I., 1999.

LOPES, M. J. **Construindo o projeto de sociabilidade neoliberal: o voluntariado como componente do processo educativo**. 2013. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufjf.br:8080/jspui/handle/ufjf/2417>. Acesso em: 4 out. 2022.

LUBISCO, A. L. **Parcerias entre voluntariado e escola na cena contemporânea**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2012.

MARGENAT, J. M. **Competentes, conscientes, compassivos e comprometidos: a educação dos jesuítas**. São Paulo: Edições Loyola, 2022.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014.

MOLL, J. Conceitos e pressupostos: o que queremos dizer quando falamos de educação integral?. **Educação Integral**, Porto Alegre, ano 18, n. 13, p. 11-16, 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/projetossociais/Biblioteca/4_TV_Escola_Educacao_Integral.pdf. Acesso em: 4 out. 2022.

MORI, K. G.; VAZ, M. **Voluntariado educativo: uma tecnologia social**. São Paulo: Instituto Faça Parte, 2006.

MORI, K. R. G. **A solidariedade como prática curricular educativa**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/9728>. Acesso em: 4 out. 2022.

MOTA, A. E. **Cultura da crise e seguridade social: um estudo sobre as tendências da previdência e da assistência social brasileira nos anos 80 e 90**. São Paulo: Cortez, 1995.

MOTTA, M. M. **Multiculturalidade e voluntariado educativo: o que isso tem a ver?**. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13701>. Acesso em: 4 out. 2022.

NAÇÕES UNIDAS. O trabalho voluntário e a ONU. *In*: UNIC Rio. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://unicrio.org.br/voluntariado/>. Acesso em: 29 set. 2022.

NICOLÁS, A. **Los antiguos alumnos de la Compañía de Jesús y su responsabilidad social**: la búsqueda de un mejor futuro para la humanidad: ¿Qué significa ser creyente hoy?. Medellín: [s. n.], 2013.

ORNELLAS, G.; SOUZA, J. F.; ROTTERDAN, S. A. Voluntariado estudantil. *In*: JUNQUEIRA, S. R. A.; LEAL, V. A.; RIAL, G. (org.). **Compêndio de pastoral escolar para educação básica na escola católica**. Brasília, DF: Edições CNBB; Petrópolis: Vozes, 2021.

PERRENOUD, P. **Escola e cidadania**: o papel da escola na formação para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2005.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (RJE). **Educação Jesuíta no mundo**. [São Paulo, 2022b]. Disponível em: <http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/publicacoes/unidades/>. Acesso em: 31 jul. 2022.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (RJE). **Nossas unidades**. [São Paulo, 2022a]. Disponível em: <http://www.redejesuitadeeducacao.com.br/publicacoes/unidades/>. Acesso em: 29 set. 2022.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (RJE). **Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação Básica**: 2021-2025. São Paulo: RJE, 2021.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO (RJE). **Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação**. São Paulo: RJE, 2016.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116275004.pdf>. Acesso em: 4 out. 2022.

SBERGA, A. A. **Voluntariado educativo**. Campinas: Fundação EDUCAR DPaschoal, [2002].

SBERGA, A. A. **Voluntariado jovem**: construção da identidade e educação sociopolítica. São Paulo: Editora Salesiana, 2001.

SEVERO, J. L. R. L. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 96, n. 244, p. 561-576, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/345513545>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/SgHzCz9mYprkCV6RtTR368v/?lang=pt>. Acesso em: 4 out. 2022.

SILVA, J. B. **O voluntariado educativo**: um estudo sobre o projeto Selo Escola Solidária. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TITTON, M. B. P. Profissionais da educação integral: que atores e que formação entram nesse jogo?. **Educação Integral**, Porto Alegre, ano 18, n. 13, p. 30-34, 2008. Disponível em:
http://www.ufrgs.br/projetossociais/Biblioteca/4_TV_Escola_Educacao_Integral.pdf. Acesso em: 4 out. 2022.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia de pesquisa**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

VELOSO, C. Sampa. *In*: LETRAS. [S. l., 2022]. Disponível em:
<http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/41670/>. Acesso em: 4 out. 2022.

VIDAL, D. G.; SILVA, J. C. S. Questões éticas na pesquisa sobre a própria prática ou no ambiente de trabalho. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. v. 1, p. 42-45.

VOLUNTARIADO. *In*: AULETE Digital: o dicionário da língua portuguesa na internet. Rio de Janeiro: Lexicon, [2022]. Disponível em:
<https://www.aulete.com.br/voluntariado>. Acesso em: 29 set. 2022.

APÊNDICE A – CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, RITA DE CASSIA XIMENES MURY, diretora pedagógica do COLÉGIO SANTO INÁCIO/RJ, pertencente a Rede Jesuíta de Educação, localizado a Rua São Clemente, 226, Botafogo, Rio de Janeiro, dou minha anuência para realização da pesquisa abaixo citada:

Título da pesquisa: Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: formação integral e aprendizagem ao longo da vida

Orientador(a): Prof.(a). Dr.(a) Daianny Madalena Costa

Mestrando(a): Juliana Lima dos Santos

Objetivo geral: Analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e aprendizagem ao longo da vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa.

Metodologia: A realização desta pesquisa em modo presencial, em função da pandemia do novo coronavírus, não se torna adequada, mesmo que sigamos todos os protocolos de segurança sanitária. Assim sendo, ela precisará ser realizada toda em ambiente virtual.

Esta pesquisa está dividida em 3 etapas: questionário online para os alunos(as) (será enviado através de correio eletrônico institucional), grupo focal online síncrono (os participantes receberão em seus correios institucionais o tutorial de acesso, dia e horário da atividade, além do link de acesso a sala virtual) e questionário online/análise documental para gestores do Colégio (a ser enviado igualmente por e-mail).

Os participantes da primeira etapa da pesquisa (questionário online) serão os 149 estudantes do curso regular/diurno do CSI que se encontram, em 2021, na 2ª ou 3ª série do ensino médio e que participaram de alguma das atividades voluntárias propostas no ano de 2019. Na segunda etapa (grupo focal online) o grupo será menor. Serão convidados para este momento somente 10 alunos, sendo 5 de cada série, por meio de sorteio dentre os possíveis candidatos com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis e assentido pelos estudantes. E uma terceira e última etapa (questionário online/análise documental) será realizada com os

gestores do ensino médio do CSI, onde aproximadamente 9 pessoas serão convidadas, além dos 4 profissionais envolvidos no trabalho de ação social e voluntariado no Colégio.

É importante salientar que, na tentativa de resguardar todos os direitos dos participantes, esta pesquisa levará em conta os aspectos essenciais que, segundo Goldim (2001 citado por Gerhardt e Silveira, 2009, p.86), fazem parte de uma pesquisa eticamente responsável: “a adequada avaliação da relação risco-benefício, a obtenção do consentimento informado e a garantia da preservação da privacidade”. Sendo assim, após o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido devidamente assinado pelos responsáveis legais, os alunos que participarem da pesquisa deverão assinar o Termo de Assentimento, ambos seguindo as normativas sinalizadas pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Rio de Janeiro, ____ de setembro de 2021.

Rita de Cassia Ximenes Mury
Diretora Acadêmica – Colégio Santo Inácio / RJ

APÊNDICE B – E-MAIL CONVITE PARA OS PAIS E RESPONSÁVEIS COMO
TCLE PARA PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTES EM PESQUISA

Prezados pais e responsáveis,

Meu nome é Juliana Lima e trabalho no Colégio Santo Inácio no setor de Formação Cristã como assessora de projetos sociais e voluntariado.

Estou realizando uma pesquisa com uma pequena parcela dos nossos estudantes que realizaram voluntariado conosco em 2019 para minha dissertação de mestrado com anuência da diretora pedagógica, Rita Mury.

Espero contar com a colaboração dos (as) senhores (as) no preenchimento do formulário abaixo no qual consta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa em questão até o dia 06/10 (23h):

<https://forms.gle/TEc3gFRjmFBhA4bx9>

Somente após receber o aceite (ou não) dos(as) senhores(as) é que enviarei o link da pesquisa para os seus respectivos filhos(as).

Estarei à disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Atenciosamente,

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA

Estimados pais e responsáveis(a), seu filho(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Lima dos Santos Braga, mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (RS), orientado pela Professora Dra. Daianny Madalena Costa.

Esta pesquisa pretende analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e aprendizagem ao longo da vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa de voluntariado do Colégio.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa qualitativa e utilizarei os seguintes métodos, dispostos por etapas: Primeira etapa - questionário online, segunda etapa - grupo focal online síncrono e terceira etapa - análise documental.

A participação dos (as) estudantes nessa pesquisa se dará nas duas primeiras etapas. Na primeira, 149 estudantes do curso regular/diurno do CSI que se encontram, em 2021, na 2ª ou 3ª série do ensino médio e que participaram de alguma das atividades voluntárias propostas no ano de 2019. E na segunda etapa, serão convidados somente 10 (dez) estudantes do grupo citado acima, sendo 5 de cada série, que tenham manifestado interesse em participar da segunda etapa. Caso tenhamos mais de 10 interessados, realizaremos um sorteio para selecionar os participantes. Os sorteados serão comunicados por e-mail.

O questionário será produzido no *Google forms*, onde os participantes não serão identificados, pois enviaremos o link da pesquisa com a vedação do nome dos participantes. Para o grupo focal online síncrono, farei uso da ferramenta *Google Meet* e estes tomarão conhecimento dos participantes previamente através de correio eletrônico que será enviado com tutorial de acesso, dia e horário da atividade, além do link de acesso a sala virtual.

Ao participar desta pesquisa, seu filho(a) contribuirá para aprimorarmos a proposta de formação integral que nos propomos realizar enquanto instituição. Depois de concordar, você poderá desistir de permitir a participação de seu filho(a), retirando seu consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para você.

Existe a possibilidade de que alguma pergunta do questionário a ser respondido pelo estudante ou no grupo focal online síncrono, o participante sinta algum desconforto ou constrangimento, nesse caso o participante reserva-se o direito de não responder à referida questão. Ressaltamos que o formulário que será enviado ao aluno não permitirá sua identificação e que o grupo focal online síncrono não será gravado, resguardando assim os relatos somente aos participantes e a pesquisadora. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação científica.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone 21- 31846304 ou pelo e-mail julianalima@santoinacio-rio.com.br

A participação de seu filho(a) é voluntária e extremamente importante. Então, se o(a) senhor(a) concordar com a participação preencha e me envie o formulário a seguir. Ressalto que quando o(a) seu (sua) filho(a) receber o link com o formulário será completamente vedada a sua identificação com suas respectivas respostas.

Atenciosamente,
Juliana Lima dos Santos Braga

APÊNDICE D – CONSENTIMENTO DE PAIS E RESPONSÁVEIS

Ao confirmar seu aceite no presente Termo, você autoriza a participação de seu (sua) filho(a) na pesquisa “**Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Lima dos Santos Braga e aceita que seus dados coletados sejam usados para fins científicos. Também declara que foi informado dos objetivos e dos procedimentos metodológicos que serão adotados nesta pesquisa.

Ao clicar no botão “aceito que meu(minha) filho(a) participe da pesquisa”, você assinará virtualmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, estando plenamente ciente de que não existe nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Nome do estudante:

Turma:

Aceito que meu(minha) filho (a) participe da pesquisa.

Não aceito que meu(minha) filho (a) participe da pesquisa.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora, Juliana Lima dos Santos Braga, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do(da) meu(minha) filho(a). Foi-me garantido que meu (minha) filho(a) poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Atenciosamente,

Local e data: _____

Nome: _____

APÊNDICE E – E-MAIL CONVITE PARA OS ESTUDANTES AUTORIZADOS A
PARTICIPAR DA PESQUISA

Queridos estudantes e voluntários do CSI,

É com grande alegria que convido você a participar ativamente da minha pesquisa de mestrado: “Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida”. Se você está recebendo este e-mail é porque seu responsável autorizou anteriormente e agora é a sua vez de dar o seu sim (ou não) para este estudo!

Você faz parte deste passo importante na minha vida e gostaria muito de contar com a sua contribuição!

Este é o link da pesquisa: <https://forms.gle/Gy8K8WZBCApYd6t58>

Estarei a disposição para qualquer esclarecimento,

Desde já, toda minha gratidão!

Um abraço fraterno,

APÊNDICE F – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE MENORES NA PESQUISA

Estimado estudante, você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Lima dos Santos Braga, mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (RS), orientado pela Professora Dra. Daianny Madalena Costa.

Esta pesquisa pretende analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e aprendizagem ao longo da vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa de voluntariado do Colégio.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa qualitativa e utilizarei os seguintes métodos, dispostos por etapas: Primeira etapa - questionário online, segunda etapa - grupo focal online síncrono e terceira etapa - análise documental.

A participação dos (as) estudantes nessa pesquisa se dará nas duas primeiras etapas. Na primeira, 149 estudantes do curso regular/diurno do CSI que se encontram, em 2021, na 2ª ou 3ª série do ensino médio e que participaram de alguma das atividades voluntárias propostas no ano de 2019. E na segunda etapa, serão convidados somente 10 (dez) estudantes do grupo citado acima, sendo 5 de cada série, que manifestem interesse em participar da segunda etapa. Caso tenhamos mais de 10 interessados, realizaremos um sorteio para selecionar os participantes. Os sorteados serão comunicados por e-mail.

O questionário será produzido no *Google forms*, onde os participantes não serão identificados, pois enviaremos o link da pesquisa com a vedação do nome dos participantes. Para o grupo focal online síncrono, farei uso da ferramenta *Google Meet* e estes tomarão conhecimento dos participantes previamente através de correio eletrônico que será enviado com tutorial de acesso, dia e horário da atividade, além do link de acesso a sala virtual.

Ao participar desta pesquisa, você contribuirá para aprimorarmos a proposta de formação integral que nos propomos realizar enquanto instituição. Depois de concordar, você poderá desistir de participar, retirando seu consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para você.

Existe a possibilidade de que alguma pergunta do questionário a ser respondido ou no grupo focal online síncrono, você sinta algum desconforto ou constrangimento, nesse caso está reservado a você o direito de não responder à referida questão. Ressaltamos que o formulário que será enviado para você não permitirá sua identificação e que o grupo focal online síncrono não será gravado, resguardando assim os relatos somente aos participantes e a pesquisadora. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação científica.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em

contato comigo pelo telefone 21- 31846304 ou pelo e-mail julianalima@santoinacio-rio.com.br

A sua participação é voluntária e extremamente importante. Então, se você concordar em participar preencha e me envie o formulário a seguir. Ressalto que quando você receber o link com o formulário será completamente vedada a sua identificação, assim como suas respectivas respostas.

Atenciosamente,
Juliana Lima dos Santos Braga

APÊNDICE G – ASSENTIMENTO PARA MENORES PARTICIPAREM DA
PESQUISA

Ao confirmar seu aceite no presente Termo, você assente sua participação na pesquisa “**Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Lima dos Santos Braga e aceita que seus dados coletados sejam usados para fins científicos. Também declara que foi informado(a) dos objetivos e dos procedimentos metodológicos que serão adotados nesta pesquisa.

Ao clicar no botão “aceito participar da pesquisa”, você assinará virtualmente o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, estando plenamente ciente de que não existe nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

Nome do estudante:

Turma:

Aceito participar da pesquisa.

Não aceito participar da pesquisa.

Se declaro aqui que ACEITO PARTICIPAR DA PESQUISA, aproveito para expressar o meu desejo acerca da segunda etapa da pesquisa (Grupo focal online síncrono):

Gostaria e aceito participar do grupo focal online síncrono em dia e hora a ser comunicados.

Não gostaria e não aceito participar de grupo focal online síncrono em dia e hora a ser comunicados.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora, Juliana Lima dos Santos Braga, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que poderei retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Atenciosamente,

Local e data: _____

Nome: _____

APÊNDICE H – E-MAIL CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO DOS GESTORES NA
PESQUISA

Queridos, bom dia.

Não sei se todos sabem, mas sou mestranda no Mestrado Profissional em Gestão Educacional da UNISINOS. Passada a qualificação e cada vez mais perto da defesa, venho pedir a colaboração de vocês, gestores do ensino médio do CSI, no preenchimento do link abaixo para fins de finalização de minha pesquisa científica.

<https://forms.gle/QHq3CQ9gHW6pqWis6>

Caso necessitem de qualquer esclarecimento, estou à disposição.

Um forte abraço e boas férias a todos,

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES

Estimada equipe gestora da 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Lima dos Santos Braga, mestranda do Programa de Mestrado em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (RS), orientado pela Professora Dra. Daianny Madalena Costa.

Esta pesquisa pretende analisar as possíveis contribuições do voluntariado educativo para processos de formação integral e aprendizagem ao longo da vida, reconhecidas pelos estudantes e gestores, e como estas podem auxiliar a aprimorar a gestão do programa de voluntariado do Colégio.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa qualitativa e utilizarei os seguintes métodos, dispostos por etapas: Primeira etapa - questionário online (com estudantes e gestores), segunda etapa - grupo focal online síncrono (com estudantes) e terceira etapa - análise documental.

Participando desta pesquisa, você contribuirá para possibilidades de avanços e melhorias no processo de formação integral dos nossos alunos do Colégio Santo Inácio. Depois de concordar, você poderá desistir de participar, retirando seu consentimento a qualquer momento, independente do motivo e sem nenhum prejuízo para você. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação.

Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

Existe a possibilidade de que os questionamentos a serem respondidos no questionário causem algum constrangimento ou desconforto, a partir de seu trabalho no colégio. Nesse caso o participante reserva-se ao direito de não responder a tais perguntas, conforme seus sentimentos e desejos surgidos no ato de resposta.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone 21- 31846304 ou pelo e-mail julianalima@santoinacio-rio.com.br

O questionário será elaborado no Google Forms e o link para preenchimento será enviado por e-mail. Mais uma vez reitero que não usaremos esse material para outros fins, bem como em momento algum na construção da dissertação citaremos seu nome, garantindo assim o sigilo de sua participação.

Sua participação é voluntária e extremamente importante. Então, se você concordar em participar, colaborando com suas informações, sinta-se convidado(a) a responder este e-mail com o consentimento abaixo.

Atenciosamente,
Juliana Lima dos Santos Braga.

APÊNDICE J – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA GESTORES

Ao confirmar seu aceite no presente Termo, você consente em participar da pesquisa “**Voluntariado educativo em um colégio jesuíta: Formação integral e aprendizagem ao longo da vida**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Juliana Lima dos Santos Braga e aceita que seus dados coletados sejam usados para fins científicos. Também declara que foi informado(a) dos objetivos e dos procedimentos metodológicos que serão adotados nesta pesquisa.

Nome:

Cargo:

Aceito participar da pesquisa.

Não aceito participar da pesquisa.

Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora, Juliana Lima dos Santos Braga, sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da minha participação. Foi-me garantido que poderei retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Atenciosamente,

Local e data: _____

Nome: _____

APÊNDICE K – QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES
QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES

Bloco 1 – Informações básicas

Questão 1: Idade – () 14 () 15 () 16 () 17 () 18

Questão 2: Serie () 1ºEM () 2º EM () 3º EM

Questão 3: Em quais frentes de voluntariado atuou? () Monitoria do curso Noturno do CSI () Creche Santa Marta () CEPAC () ACVM () Escola Dom Cipriano Chagas () Pró Criança Cardíaca () Campanhas

Questão 4: Por quanto tempo realizou atividade voluntária? () Entre 1 e 6 meses () Entre 6 meses e 1 ano () De 1 ano a 2 anos () Mais de 2 anos

Bloco 2 – Sobre o voluntariado educativo

Questão 1: Como você avaliaria a sua participação no voluntariado educativo:

- () Não fui tão participativo(a).
- () Participei parcialmente das atividades.
- () Procurei participar de forma comprometida.
- () Reconheço que fui um(a) voluntário(a) super atuante e comprometido(a).

Questão2: Explique em uma frase o porquê da resposta anterior:

Questão 3: Em quais etapas do voluntariado, você sente que participava mais intensamente? Classifique-as pelo seu nível de participação, sendo 1 “nenhuma participação” e 5 “totalmente participativo”:

- () Diagnóstico
- () Planejamento
- () Execução
- () Avaliação
- () Reflexão

Questão 4: Quando você fazia voluntariado, você conseguia perceber que colocava em ação os conhecimentos adquiridos em sala de aula nas atividades que desempenhava no voluntariado?

- () Sim
- () Não

Questão 5: Se na questão anterior a resposta foi afirmativa, cite como:

Questão 6: A partir da sua experiência no voluntariado, que características você observa que estas atividades possuem (marque quantas alternativas quiser):

- () Responde a necessidades sociais
- () Realiza uma ação em benefício das pessoas/comunidade
- () Aprende-se algo
- () Realiza um serviço
- () Vive-se uma experiência significativa
- () Proporciona reflexão
- () Colabora com outras instituições sociais e estabelece vínculo de parceria
- () Contribui para a formação para cidadania
- () Outro(s): _____

Questão 7: A partir da sua participação no voluntariado, como você avaliaria o seu nível de crescimento como pessoa:

- () Não percebi nenhum crescimento ou mudança.
- () Percebo crescimento, mas nada muito expressivo.
- () Percebo que cresci e amadureci enquanto pessoa ao realizar o voluntariado.
- () O meu crescimento e mudança foram consideráveis. Poderia dizer que minhas atitudes e modo de pensar mudaram “da água pro vinho”.

Questão 8: Você indicaria o voluntariado educativo realizado pelo Colégio Santo Inácio aos demais colegas que nunca participaram?

- () Sim
- () Não
- () Talvez

Questão 9: Que contribuições você percebe que foram dadas pelo voluntariado educativo para sua formação como pessoa?

Questão 10: Diante da sua experiência no voluntariado do CSI, como você atuou de forma autônoma e independente frente aos diversos convites para apoiar e cooperar com grupos que se encontravam em situação de vulnerabilidade, nesse contexto de pandemia da COVID-19?

APÊNDICE L – GRUPO FOCAL PARA ESTUDANTES

Participação e Fraternidade

- Você percebe que a atividade que você desenvolve tem um apelo afetivo / social que te alcance? Esta atividade te toca interiormente?

- Você percebe que o seu fazer promove mudança na vida das pessoas que alcança ou na instituição / comunidade que participa?

- Você percebe que pôde tirar aprendizados das atividades que desempenhou que vai levar para a vida? Quais?

- Como cidadão, o que você aprendeu? E como aluno?

- O que você leva para a vida?

APÊNDICE M – QUESTIONÁRIO PARA GESTORES

Bloco 1 – Informações básicas

Questão 1: Cargo: () Coordenador(a) de série () Orientador(a) educacional

Bloco 2 – Sobre o voluntariado educativo

Questão 1: Como você avaliaria o seu nível de conhecimento a respeito do voluntariado educativo no Colégio Santo Inácio:

- () Ruim
- () Razoável
- () Bom
- () Ótimo

Questão 2: Em quais etapas da atividade de voluntariado, você sente que poderia contribuir:

- () Diagnóstico
- () Planejamento
- () Execução
- () Avaliação
- () Reflexão

Questão 3: Você considera que os conhecimentos adquiridos em sala de aula, são importantes para o desenvolvimento do estudante no voluntariado educativo?

- () Sim
 - () Não
- Por quê?

Questão 4: A partir da sua experiência, que características você observa no voluntariado educativo que podem contribuir para formação dos estudantes:

- () Responde a necessidades sociais
- () Realiza uma ação em benefício das pessoas/comunidade
- () Aprende-se algo

- () Realiza-se um serviço
- () Vive-se uma experiência significativa
- () Proporciona reflexão
- () Colabora com outras instituições sociais e estabelece vínculo de parceria
- () Contribui para a formação para cidadania
- () Outros: _____

Questão 5: A partir da participação dos estudantes no voluntariado, como você avaliaria o nível de crescimento deles como pessoa:

- () Não percebi nenhum crescimento ou mudança.
- () Percebo crescimento, mas nada muito expressivo.
- () Percebo crescimento e amadurecimento enquanto pessoa.
- () Percebo crescimento e mudança consideráveis. Poderia dizer que as atitudes e modo de pensar de muitos estudantes mudou “da água pro vinho”.

Questão 6: Discorra um pouco sobre a resposta anterior:

Questão 7: Que contribuições/mudanças você consegue identificar na direção da formação integral desses estudantes?

Questão 8: A partir do seu olhar, no que o voluntariado oferecido pelo Colégio Santo Inácio poderia melhorar?